

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

**Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP**

DANIEL CORDEIRO CARDOSO

**ANÁLISE DESCRITIVA DA CONSTRUÇÃO
HISTÓRICO-SOCIAL DO OLHAR DA PSICOLOGIA
SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE A PARTIR DE
PRODUÇÕES DO PORTAL DE PERIÓDICOS PEPSIC:
UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO**



ARARAQUARA – S.P.

2015

DANIEL CORDEIRO CARDOSO

**ANÁLISE DESCRITIVA DA CONSTRUÇÃO
HISTÓRICO-SOCIAL DA PSICOLOGIA SOBRE A
HOMOSSEXUALIDADE A PARTIR DE PRODUÇÕES
DO PORTAL DE PERIÓDICOS PEPSIC: UM ESTUDO
BIBLIOGRÁFICO**

Trabalho de Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores

Orientadora: Fátima Elisabeth Denari

ARARAQUARA – S.P.

2015

DANIEL CORDEIRO CARDOSO

ANÁLISE DESCRITIVA DA CONSTRUÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL
DA PSICOLOGIA SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE A PARTIR DE
PRODUÇÕES DO PORTAL DE PERIÓDICOS PEPSIC: Um Estudo
Bibliográfico

Trabalho de Dissertação apresentado ao
Programa de Pós-Graduação em Educação
Sexual da Faculdade de Ciências e Letras –
UNESP/Araraquara, como requisito para
obtenção do título de Mestre em Educação
Sexual.

**Linha de pesquisa: Desenvolvimento,
sexualidade e diversidade na formação de
professores**

Orientadora: Fátima Elisabeth Denari

Data da defesa: 31/08/2015

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Prof.a Dr.a Fátima Elisabeth Denari
Centro de Educação e Ciências Humanas: UFSCAr/São Carlos

Membro Titular: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Faculdade de Ciências e Letras: UNESP/Araraquara

Membro Titular: Prof.a. Dra. Tarcia Regina da Silveira Dias

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

À minha companheira de todos os
momentos, minha amada
SABRINA. Aos meus queridos pais:
Déscio e Suely.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar à minha orientadora, Doutora Fátima Elisabeth Denari que me recebeu com todo carinho nas orientações. Jamais esquecerei o acolhimento e a compreensão desta estimada professora para com meus movimentos acadêmicos incertos e confusos. Sua capacidade de espera e aceitação promoveu uma espécie de alquimia em minha alma, em que pude, finalmente, me encorajar e realizar um trabalho que fosse do meu tamanho.

Saúdo também os membros titulares da banca avaliadora, professor doutor Fábio Tadeu Reina e professor doutor Paulo Rennes. Agradeço aos senhores a imensa paciência que tiveram comigo no exame de qualificação, um momento decisivo. Sou grato por ter sido avaliado por estas pessoas sensíveis. Jamais esquecerei o ato de amor do professor Paulo, que sem me conhecer, ouviu meus anseios, antes mesmo de tudo acontecer. Desejo que continue, professor Paulo, a inspirar tantos outros que, assim como eu, acreditam que a vida se revela por meio de muito estudo e dedicação.

Meus agradecimentos também vão em direção aos colegas e demais professores da primeira turma do programa de pós-graduação em Educação Sexual. Acredito pertencer, agora, a uma comunidade que acredita na educação sexual, proposta que vai além das disciplinas tradicionais.

Faço um agradecimento ímpar aos amigos/amigas homossexuais por suas existências. Hoje, depois de realizar esta pesquisa, afirmo que a empatia que vos dirijo me leva à compreensão de que somos um só em sintonia.

Agradeço a minha família, meu pai: Descio, minha mãe, Suely, minha irmã caçula, Camila e minhas sobrinhas: Beatriz e Isadora, que são pessoas caras na minha vida. Dedico um especial agradecimento à minha irmã Juliana. Sua paixão pela pesquisa sempre refletiu em minha alma.

Um agradecimento enorme à minha tia Wilma, que me recebeu com todo o amor em sua casa, nos dias em que precisei me hospedar em Araraquara.

Agradeço a minha esposa Sabrina, a luz do meu caminho, que teve extremada paciência e compreensão comigo todos os dias. Desde o princípio, quando comecei a estudar e a me envolver com as temáticas da Educação Sexual, ela sempre esteve ao meu lado, acreditando em meu potencial.

Agradeço, por fim e no todo, ao Grande Pai, que nunca nos abandona quando nos propomos a pensar e agir no bem coletivo.

“Você verá que é mesmo assim
Que a história não tem fim
Continua sempre que você responde sim
À sua imaginação
À arte de sorrir, cada vez que o mundo diz não”
(Guilherme Arantes – Brincar de Viver)

RESUMO

A necessidade de se internalizar novos conceitos sobre sexo e sexualidade, podendo assim transformar o olhar diante das problemáticas que cerceiam o/a homossexual poderá ser uma forma de contribuir com a qualidade de vida destas pessoas. É nesta direção, em síntese, que esta pesquisa se dirige. No que tange às questões da homossexualidade, faz-se necessário saber de que maneira as publicações em psicologia estariam, ou não, alinhadas aos estudos atuais da diversidade sexual. Neste sentido, o objetivo desta pesquisa é averiguar o olhar da psicologia científica a respeito da homossexualidade e a sua dimensão sócio histórica. A metodologia empregada foi o estudo bibliográfico com metodologia qualitativa. Optou-se por explorar no portal de periódicos de psicologia, o PePsic, as publicações que estudaram a homossexualidade. Foram encontradas 64 publicações que compreendem periódicos da América Latina, sendo que todas publicações foram desenvolvidas entre os anos 2007 a 2014. Para se realizar uma análise mais organizada a respeito do tema, as publicações foram subdivididas em cinco eixos teóricos, quais sejam: (1) Clínicas psicológicas, (2) Cultura e sociedade, (3) Construções sociais e pedagógicas, (4) Conjugalidade e família e (5) Políticas e direitos. Averiguou-se que há a necessidade, por parte da psicologia, de se estudar mais sobre a homossexualidade, uma vez que a própria psicologia associa a homossexualidade à psicopatologia.

Palavras-chave: psicoterapia – homossexualidade – sexualidade – gênero – formação do psicólogo.

ABSTRACT

The necessity for internalizing new concepts about sex and sexuality, could turn the view of the problems that curtail the homosexual and can be a manner of contributing with the person's quality of life. This is the direction, in summary, that this research will reach with its hypotheses. Regarding the homosexuality issues, it's necessary to know if the psychology's publications are, or not, lined with the current diversity sexual studies. This way, the goal of this research is to find the view psychological scientific regarding homosexuality and its social historical dimension. The methodology applied was a bibliographic study with qualitative methodology. Was chosen to explore the psychology periodical website for scientific publication, PePsic, the publications that studied homosexuality. Was found 64 publications conceiving Latin America's periodicals, all the publications were developed among the years 2007 and 2014. For accomplishing a more detailed review about this subject, the publications were organized in five theoretical topics, being: (1) psychological clinics, (2) Society and culture, (3) Social and pedagogical constructions, (4) Conjugality and family and (5) Political and laws. Was found that there is a necessity, from the psychology, of more studies about homosexuality, since the psychology itself associates the homosexuality to psychopathology.

Keywords: Psychotherapy – homosexuality – sexuality – gender – training of psychologists.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LGBT: Lésbicas, gays, bissexuais e transexuais

CFP: Conselho Federal de Psicologia

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Publicações mundiais	26
Figura 2 – Publicações nacionais	26
Figura 3 – Trabalhos com temáticas relacionadas à homossexualidade no site PePsic	28
Figura 4 – Identificação das categorias de análise.....	38
Figura 5 – Categorias de análise de acordo com as publicações	39
Figura 6 – Construção dos eixos teóricos a partir das categorias	42
Figura 7 – Eixo teórico 1: Clínicas e saúde.....	43
Figura 8 – Eixo teórico 2: Cultura e sociedade.....	46
Figura 9 – Eixo teórico 3: Construções sociais e pedagógicas.....	49
Figura 10 – Eixo teórico 4: Família e conjugalidade	53
Figura 11 – Eixo temático 5: Políticas e direitos	57

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	X
INTRODUÇÃO	1
1.BREVE HISTÓRICO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE.....	6
2.CONSTRUÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL DA HOMOSSEXUALIDADE	9
2.1.A homossexualidade no Brasil	12
3. HOMOSSEXUALIDADE NA HISTÓRIA POLÍTICO-SOCIAL DO BRASIL: PATOLOGIA OU CONSTRUÇÃO SOCIAL?.....	19
4. MÉTODO/RESULTADOS.....	25
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
6. REFERÊNCIAS	63

APRESENTAÇÃO

Em termos intelectuais, sempre senti a necessidade de expandir conhecimentos sobre assuntos que me despertam o olhar e a reflexão, entre eles, a diversidade sexual. Tal possibilidade se concretizou quando, após ter me submetido à seleção no Programa de Pós Graduação em Educação Sexual da FCL/UNESP/Araraquara, fui aprovado. Depois de ter tido a oportunidade em me envolver com as disciplinas que oferecem um suporte teórico, por meio da proposta da educação sexual, aos atuais planos educacionais, tal fato me impulsionou a refletir sobre o significado do termo *minorias*, o que me leva à ousadia de estudar um grupo que, até há pouco tempo na história, permaneceu com sua identidade social invisível.

Deste modo, muito antes de me tornar psicólogo, minhas vivências em ambientes escolares, na condição de aluno, foram marcadas por constantes frustrações, advindas do que eu entendia serem fracassos unicamente de minha parte. Tais vivências ainda ressoam em minha alma.

Assim, hoje vejo que fiz parte de uma das minorias _ a dos alunos invisíveis _ ao me lembrar das vivências escolares, permeadas por interditos excludentes, em que muitas vezes a sensação da perda de pertencimento do grupo estudantil me envolveu com toda força, ao ponto de acreditar que eu era incapaz de acompanhar as mais simples propostas pedagógicas. A sensação de exclusão, durante as aulas de educação física, por exemplo, quando na organização dos jogos de futebol, em que os alunos “escolhidos” pelo professor me deixavam sempre como a última “opção”. Tal vivência ainda é transformada em cena viva nos recônditos do meu ser. Aprendi nestas circunstâncias, pela primeira vez, a pedagogia de ideologia de gênero, ou seja, futebol era para meninos. E eu acreditava não me encaixar na categoria “meninos”, simplesmente por não ter habilidades com os pés.

Hoje, por estas e tantas outras vivências escolares, com algum cuidado afirmo que aprendi a ser um mau aluno. A pedagogia contrária é deveras eficiente quando exercida de maneira sistematizada. Assim, fui me tornando, nos anos finais do ensino fundamental e durante todo o ensino médio, inimigo inconfesso do ensino.

Talvez o renascimento de algo diferente tenha data marcada apenas na graduação, quando iniciei meus estudos em psicologia. Porém, neste contexto me deparo, uma vez mais, com os funestos discursos de ideologia de gênero, ao ouvir dos meus amigos - estudantes de economia, engenharia e direito - que estudar psicologia era coisa de veado. Minha vergonha em defender a profissão que já amava me fazia rir junto a eles, e assim, contrariando a mim mesmo, eu reforçava a ideologia de gênero, tão comum nos agrupamentos masculinos.

Contudo, consegui me graduar. Inicia-se uma identidade profissional que permanece até hoje e que considero ser ponto principal de minha jornada.

Deste modo, posteriormente à minha graduação, iniciei minha atividade como psicoterapeuta. À medida que ia realizando os atendimentos, passei a sentir necessidade de ampliar os conhecimentos na área clínica, e assim busquei orientação em supervisões junto a psicólogos (as) mais experientes, bem como em grupos de estudo. Tal prática é bastante comum na formação complementar do psicoterapeuta iniciante, quando este, em caráter sigiloso, apresenta um caso clínico a outros profissionais, no intuito de ter mais clareza sobre o seu *modus operandi*. Além destas atividades, realizei um curso *latu sensu* em psicologia analítica.

Realizar este curso oportunizou-me uma atividade paralela: a prática docente na graduação de Pedagogia. Simultaneamente à prática clínica, e talvez por ironia do destino, retorno ao mesmo prédio de minha antiga escola, no mesmo cenário o qual descrevi, no início desta apresentação. Agora, no papel de profissional que professa a educação, tenho como testemunhas as mesmas paredes que me viram, no passado, desacreditar na mesma.

Assim, com o passar do tempo, a atividade docente me fez considerar o mestrado. Algo me dizia que ainda precisava fazer as pazes com a educação, pois reconhecia, internamente, que ainda havia uma lacuna entre nós. O combustível para tal empreitada foi a minha predileção pelas disciplinas das ciências humanas, tais como filosofia, história, sociologia, antropologia, e obviamente, as ciências psicológicas.

Portanto, quando iniciei as aulas em Educação Sexual, descobri que era possível contribuir com outras pedagogias que até então nunca ninguém havia me apresentado. Foi ali, junto aos dedicados professores do programa, que aprendi que a pedagogia pode ocorrer também por meio dos interditos, ou seja, o que não está nas apostilas, certamente está nos diálogos, nas omissões, nos olhares reprovadores.

Neste sentido, a partir de minhas vivências, aceitei pesquisar sobre a homossexualidade. Digo que aceitei porque este tema me foi designado a partir das minhas próprias produções que foram anteriormente abortadas. Antes dos estudos sobre a homossexualidade, me embreei por duas demandas, das quais a primeira consistiu na tentativa de se estudar a sexualidade do indivíduo com deficiências, e a segunda, a sexualidade das mulheres, mais especificamente, as mães das pessoas com deficiências. Nota-se, contudo, que, sem o saber, estava em busca de estudar um grupo historicamente discriminado. Por motivos práticos, desisti dos dois temas. E assim, me foi sugerido estudar a homossexualidade, vista sob o prisma da psicologia científica. Às vezes, ocultos caminhos se delineiam, apesar de nossas considerações racionais.

Portanto, necessário dizer que este tema surgiu em meio aos próprios preconceitos que eu trazia no que diz respeito aos homossexuais. Tive uma educação machista, heteronormativa, sexista e, como minha orientação é heterossexual, admito que, no começo, não estive nem um pouco confortável em estudar o tema, devido a toda construção sócio cultural que contribuiu para formar os núcleos homofóbicos, que ainda habitam em meu ser.

Contudo, apesar dos conflitos iniciais, o que parece ter prevalecido foi a minha natural alteridade para com os indivíduos discriminados socialmente, que me orienta desde a infância. Ademais, conforme as minhas assertivas acima expostas, sempre me considerei também participante de uma minoria: a do aluno-problema. Deste modo, o interesse pelo tema foi aumentando, e pude enfim encontrar possibilidades para desenvolver um estudo que ajudasse a mitigar o preconceito contra os/as homossexuais. Além disso, as leituras que realizei promoveram uma noção de que o desejo sexual se manifesta via corpo, e que cada corpo, por sua vez, abriga cada sujeito e faz a escolha que mais lhe convém para sentir o prazer sexual. Um dos pilares para a construção deste conhecimento foi Michel Foucault, que em toda a sua obra desmascara as condutas hipócritas da sociedade ocidental, e é o que esta pesquisa - guardada as devidas proporções - procurou devidamente realizar.

INTRODUÇÃO

Internalizar novos conceitos sobre sexo e sexualidade a fim de transformar o olhar diante das problemáticas que cerceiam o homossexual, poderá ser uma forma de contribuir com ele. É por essa direção que esta pesquisa, com suas hipóteses, seguirá. No que tange às questões da homossexualidade, faz-se necessário saber de que maneira as publicações em psicologia estariam ou não alinhadas aos estudos atuais da diversidade sexual. Partindo desta premissa, considera-se aqui que os psicólogos da atualidade estariam vivenciando um novo paradigma, em que posicionamentos estanques e parciais sobre o homossexual e suas práticas homossexuais podem estar em desconstrução. Neste sentido, parece estar desaparecendo as referências que proporcionavam certezas, como, por exemplo, a forma correta de agir em determinada sociedade.

Lipovetsky (2004), quando se refere ao panorama da sociedade ocidental, desenvolve o conceito de *hipermodernidade*. Em sua obra *Os tempos hipermodernos*, o escritor, com a colaboração de Sebastien Charles, utiliza o termo *hiper* para dimensionar os valores exacerbados de uma cultura marcada pela volatilidade de valores dentro de uma sociedade onde “fluidez” e “flexibilidade” estão em oposição ao tradicionalismo estático. Para Lipovetsky, a hipermodernidade é atualmente definida pelo “reemprego das tradições sem imposição institucional, pelo qual há o eterno rearranjar delas conforme o princípio da soberania individual”. (Lipovetsky, 2004, p.41).

Este novo posicionamento que, segundo Lipovetsky (2004), influencia o modo de ser das pessoas, inaugura a revisão conceitual entre Estado e indivíduo. Nesta revisão, parece não haver espaço para concepções ou falas fundamentalistas, tais como “em nome da moral e dos bons costumes” ou, como afirmou recentemente um candidato à presidência da república do Brasil nas eleições de 2013 ao discursar contra a possibilidade da reprodução assistida e/ou adoção de crianças entre casais homoafetivos, “aparelho excretor não reproduz”. (Salomão, 2014)

Tais discursos sugerem, a partir do ponto de vista do conceito de hipermodernidade de Lipovetsky, um retrocesso, bem como uma ingenuidade no que se refere aos fenômenos sociais que instigam uma nova forma de pensar, embora desta vez com abertura a uma relativização que desacomoda os posicionamentos embasados em um tradicionalismo inquestionável.

Ao se ater ao conceito de hipermodernidade, que parece flexibilizar os valores tradicionais, localiza-se nesta pesquisa o/a homossexual como figura central, conforme sugere Ferrari e Andrade (2011, p.31):

Ao que parece, a hipermodernidade flexibilizou normas morais e abriu campo para o reconhecimento e a acolhida das diversidades.

Possibilitou e promoveu a emergência de reivindicações dos homossexuais masculinos (*e femininos, grifos do autor*) e, entre as mais significativas, o direito ao casamento, à adoção e à procriação assistida.

Os autores supracitados sugerem que a importância da flexibilização coloca diretamente a homossexualidade em discussão. Deste modo, as questões que permeiam a homossexualidade vêm ganhando visibilidade na sociedade, sobretudo por meio de trabalhos científicos como, por exemplo, um estudo em que se reflete a repercussão da figura do/da homossexual nas telenovelas (Scorsolini-Comin e Santos, 2012), outro que analisa os relacionamentos homoafetivos na internet (Scorsolini-Comin, Souza e Santos, 2013), e aqueles que estudam as questões homossexuais na política (Almeida, 2009; Costa, Machado, Prado, 2008; Gouveia e Camino, 2009), bem como os reflexos da referida temática no setor jurídico (Nascimento e Pimentel, 2011; Nina e Souza, 2012).

Assim, temas como homofobia, casamento gay e homoafetividade são refletidos à luz da ciência moderna, que parece preocupada em dar voz ao/à homossexual. Desta maneira, a percepção coletiva de que não há mais como considerar apenas um padrão de relação afetiva e sexual, como por exemplo, a supremacia do casal monogâmico, parece vicejar no meio acadêmico e científico. Talvez isso ocorra porque, nos dias de hoje, se percebem novos arranjos de expressão sexual, aos quais parece haver a prerrogativa de se criar outros espaços de coexistência em direção à liberdade e autonomia sexual.

No entanto, faz-se aqui um primeiro questionamento: o olhar dos pesquisadores da homossexualidade estaria isento da visão médico-higienista que considera o/a homossexual alguém desviante da sua sexualidade “natural”? Para Marques e Nardi (2011), ainda vivemos em uma cultura que defende a heteronormatividade a partir da lógica binária de dois sexos. Desta forma entende-se, sob o olhar heteronormativo, que existe a ideia imposta pelo paradigma de que são os órgãos genitais que ditam o modo de ser de cada um/uma. A fisiologia neste sentido ainda parece prevalecer sobre as subjetividades, ao mesmo tempo que as ignora. Este ponto de vista determina e produz uma segregação social que recai sobre o/a homossexual:

Na conjugação destas dicotomias a heterossexualidade é a norma central que ordena a vida em sociedade e institui as hierarquias das possibilidades de exercício da sexualidade. A homossexualidade, por sua vez, dentro dessa cultura, é vista a partir da figura do/da homossexual como um sujeito anormal. (Marques e Nardi, 2011, p.115).

Assim, a dicotomia entre os sexos e gêneros parece ainda ressoar na cultura atual, produzindo formas definidoras de se praticar o sexo, bem como as de expressar a

identidade sexual, em que “a norma atravessa/constitui a vida e, para o sujeito poder existir, o campo de identificação possível ainda é aquele de se ver visto como anormal”. (Marques e Nardi, 2011, p, 118). Ou seja, a identidade sexual do/da homossexual parece ser considerada um estigma de desvio da norma.

A visão patologizante em relação à homossexualidade, por seu turno, parece encontrar momentaneamente apoio na dimensão política, pela qual se cogitou legitimar o/a homossexual como doença através do instrumento legislativo. Recentemente foi elaborado um projeto de lei complementar de número 234/2011 (Campos, 2011), que tramitou na Comissão de Direitos Humanos e Minorias, alocada na Câmara dos Deputados, onde houve uma significativa tentativa de reforçar historicamente a patologização do homossexual.

Este projeto, popularmente conhecido como “projeto de cura gay”, tinha por um de seus pilares suspender a proibição do Conselho Federal de Psicologia (CFP) para que psicólogos oferecessem tratamento a homossexuais. Apesar das manifestações populares contrárias a esse projeto, há de se considerar que “chegamos à realidade anacrônica de encarar a sexualidade, incluindo a homossexualidade como doença” (Martins, Leite, Porto, Netto, 2014, p. 163). No entanto, esta pesquisa não pretende estudar a homossexualidade na sua pretensa condição patológica, tampouco fazer conjecturas a respeito de qualquer posicionamento da psicologia científica a respeito das questões da homossexualidade. Considerando os conflitos emocionais que o homossexual possa vivenciar, a pesquisa que até aqui se apresenta tem a seguinte questão como norteadora: “Como a homossexualidade é vista/entendida em artigos e demais trabalhos da área da ciência psicológica”. Assim sendo, o objetivo geral desta investigação é saber como a psicologia científica vê atualmente a questão da homossexualidade.

Os objetivos específicos se delineiam por dois caminhos. Primeiramente, serão verificadas as origens das publicações quanto ao país ou a região pela qual foram desenvolvidas as pesquisas. Posteriormente, pretende-se analisar as diversas linguagens utilizadas pelos pesquisadores dentro da Psicologia para se estudar a homossexualidade. A justificativa dos objetivos específicos refere-se ao interesse do pesquisador em saber como são direcionadas atualmente as pesquisas em Psicologia sobre a homossexualidade.

Na tentativa de se compreender a questão da pesquisa apresentada, faz-se imperativa a busca por pesquisas contemporâneas em Psicologia, a fim de se fazer um mapeamento sobre o que se estuda atualmente a respeito da homossexualidade, na tentativa de se traçar um panorama para estudos posteriores. Para tal intento, esta pesquisa lançou mão da exploração do Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC). O PePsic é uma fonte da Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia da União Latino-Americana de Entidades de Psicologia (BVS-Psi ULAPSI), fruto da parceria entre Fórum de Entidades Nacionais da Psicologia Brasileira (FENPB), Biblioteca Dante Moreira Leite do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP/USP)

e do Centro Latino Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde - BIREME, que cedeu a metodologia - Scientific Electronic Library Online (SciELO) - modelo de publicação eletrônica de periódicos para países em desenvolvimento. O referido portal absorve todo o conteúdo sobre as mantenedoras dos periódicos na área da psicologia, e estes, por sua vez, têm como propósito publicar trabalhos acadêmicos e científicos nos formatos de artigos científicos, relatos de experiência e resenhas críticas.

Foi realizada investigação em todos os periódicos do portal PePSIC, cujo objetivo era encontrar, nos títulos das publicações, descritores que se referiam à homossexualidade, tais como: “homossexualidade”, “homossexual”, “homofobia”, “preconceito”, “estigma” e “homoafetividade”. A busca foi delimitada entre os anos 2007 e 2014. Estes termos/descriptores são elementos definidores do objeto de pesquisa necessário para responder a questão da pesquisa mencionada.

Em se tratando de uma pesquisa de mestrado em educação sexual, a questão apresentada é justificada pela percepção do pesquisador de que eventualmente poderá haver uma dificuldade, por parte da psicologia científica, em compreender a homossexualidade e suas variadas manifestações, de modo que esta ciência ainda poderia conter concepções advindas do movimento higienista (Martins, Leite, Porto, Netto, 2014). Conforme estes autores, há o pressuposto de que ainda ocorrem preconceitos direcionados a homossexuais. A primeira seção dissertará sobre o conceito de sexualidade a fim de compreender sua dimensão transitória, suas concepções feitas sobre o homossexual, que mudam na perspectiva histórica.

A considerar a teoria da construção social, esta primeira seção procurará identificar um possível anacronismo entre as diversas práticas sexuais - que sempre existiram na história da humanidade - com o início do pensamento heteronormativo, buscando explicar a heteronormatividade é relativamente nova na história da sexualidade. Por fim, a tentativa de se compreender de qual maneira a psicologia se apropriou da sexologia ao longo do tempo será o principal objetivo desta seção.

Na segunda seção serão discutidas as primeiras ideias disseminadas pelo movimento higienista - promovida pelo pensamento médico-moral do final do século XVII – no qual a ideia da sexualidade heteronormativa se desenvolve até os dias atuais. É aqui também que surgem os primeiros estudos em sexologia, nos quais verifica-se que o sujeito heterossexual seria mais “saudável” do que o homossexual, cuja figura é estigmatizada e segregada como alguém doente. Para tal intento, lança-se mão da abordagem genealógica de Michel Foucault, e de estudiosos contemporâneos da historiografia da sexualidade. As abordagens teóricas de Guacira Lopes Louro, Paulo Rennes Marçal Ribeiro e Mary Neide Damico Figueiró estão presentes na elaboração desta pesquisa.

Em seguida, a terceira seção tentará compreender como foi construída a homossexualidade no Brasil, partindo da leitura dos historiadores da homossexualidade Michel Foucault, João Silvério Trevisan e Alessandro Soares da Silva, sendo o primeiro autor pesquisador da homossexualidade no ocidente e os dois últimos no Brasil.

Esta pesquisa, de metodologia qualitativa se valerá da pesquisa bibliográfica, cujo objetivo é conhecer a maneira como as pesquisas em psicologia tratam a ideia da homossexualidade. A partir daí serão discutidos os diversos olhares da psicologia científica, na tentativa de identificar a maneira pela qual se estuda a homossexualidade, para posteriores reflexões pautadas nos estudos contemporâneos sobre a diversidade sexual.

1. BREVE PARECER HISTÓRICO SOBRE A SEXUALIDADE

A sexualidade parece ainda estar em debate na sociedade contemporânea, de modo que se supõe que tal conceito ainda estaria por vias de se sedimentar na linguagem comum, uma vez que é sabido que falar de sexo ou sexualidade ainda é um tabu que dificulta maiores reflexões. Considerando a perspectiva histórica, Maia e Ribeiro (2010) destacam que o conceito de sexualidade foi utilizado no século XIX para se referir a saberes sexuais decorrentes de estudos que buscam, por sua vez, dar significado às práticas construídas culturalmente. Segundo estes autores, a sexualidade seria um

conceito amplo que envolve a manifestação do desejo e sua representação no estabelecimento de relações que envolvem o afeto, a comunicação, a gratificação libidinosa e o vínculo afetivo entre pessoas e cuja expressão depende de influências culturais, da sociedade e da família, por meio de ideologias e crenças morais, envolvendo ainda questões religiosas, políticas, etc. (Maia e Ribeiro, 2010, p.161).

Neste sentido e na tentativa de elucidar sobre uma possível conceituação a respeito da sexualidade que aqui se faz, busca-se a partir do paradigma histórico e cultural considerações acerca da importância de se discorrer sobre uma provável ideia norteadora em que a sexualidade estaria sujeita às mudanças culturais, sendo possível:

[...] argumentar que só podemos compreender as atitudes em relação ao corpo e à sexualidade em seu contexto histórico específico, explorando as condições historicamente variáveis que dão origem à importância atribuída à sexualidade num momento particular, compreendendo as várias relações de poder que modelam o que vem a ser visto como um comportamento normal ou anormal; aceitável ou inaceitável. (Weeks, 2000, p. 29)

Em contrapartida, Weeks (2000) destaca que a compreensão conceitual sobre sexualidade seria construída sob a contemplação de uma concepção impositiva e totalitária, o que talvez confirme as reflexões aludidas nos primeiros parágrafos desta seção. Não obstante haja consenso de que a sexualidade seja transitória, aqui se pode considerar que o patriarcado desempenha a tarefa de analisar os fenômenos sociais e humanos, tal como a sexualidade, a partir da hierarquização das relações, em que a exploração é um paradigma predominante. (Saffioti, 2002). Saffioti aponta ainda que

haveria uma tendência no patriarcado em assimilar as questões humanas na forma de oposições dualistas (homem-mulher; masculino-feminino – heterossexual-homossexual) em que sempre haveria um dominante que submeteria o dominado. Além disso, tal assimetria nas relações demandaria, atualmente, debates no campo da sexualidade, conforme aponta Weeks (2000, p.32):

[...] a emergência de uma nova política acerca da sexualidade — exemplificada pelo feminismo, pelas políticas gay e lésbica e por outros movimentos sexuais radicais — tem questionado muitas das certezas de nossas tradições sexuais, oferecendo novas compreensões sobre as intrincadas formas de poder e dominação que modelam nossas vidas sexuais. Por que a dominação masculina é tão endêmica na cultura? Por que a sexualidade feminina é vista tão frequentemente como subsidiária da sexualidade do homem? Por que nossa cultura celebra a heterossexualidade e discrimina a homossexualidade?

Diante destas assertivas, consideramos que haveria então uma dialética entre a característica transitória do conceito da sexualidade à falta de flexibilidade do patriarcado, que, segundo a mesma autora seria a exploração permanente dos grupos minoritários.

Na tentativa de ilustrar esta discussão, seria necessário, contudo, diferenciar duas correntes teóricas que procuram compreender a sexualidade: o construcionismo social e o essencialismo sexual, este último sendo “dominante nas discussões sobre sexualidade até recentemente” (Weeks, 2000, p.29). Para o construcionismo social, a transitoriedade da sexualidade é condição *sine qual non*, pois admite-se aqui posicionamentos flexíveis enquanto que para o essencialismo sexual não há qualquer margem para a reflexão ou mesmo o debate, pois,

o "essencialismo" é o ponto de vista que tenta explicar as propriedades de um todo complexo por referência a uma suposta verdade ou essência interior. Essa abordagem reduz a complexidade do mundo à suposta simplicidade imaginada de suas partes constituintes e procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos”. (Weeks, 2000, p. 29)

Os essencialistas negam qualquer mudança advinda das experiências na cultura, na qual determinado indivíduo estaria imerso. Neste sentido, o patriarcado se aproximaria do essencialismo, sendo este presente nas concepções daquele. Em contrapartida, o construcionismo social, segundo Weeks (2000), questiona a rigidez antes propagada pelo essencialismo:

Vários estudos têm questionado a fixidez das ideias predominantes sobre o que constitui masculinidade e feminilidade, explorado a natureza cambiante da vida doméstica e do trabalho e lançado uma nova luz sobre o desenvolvimento de certas categorias sociais (por

exemplo, as de infância, de prostituição e homossexualidade) e identidades sexuais individuais. (Weeks, 2000, p. 32)

Portanto, para a presente pesquisa, admitir as premissas teóricas do construcionismo social talvez se torne viável, não obstante haja conflitos ideológicos em seu âmago (Weeks, 2000, p. 33) no sentido de que as práticas homossexuais, bem como as variadas conceituações do que seria a homossexualidade, mudariam conforme os períodos históricos, muitas vezes motivados por influências políticas, conforme afirma Weeks: “Não estamos preocupados com a questão do que causa a heterossexualidade ou a homossexualidade nos indivíduos, mas, ao invés disso, com o problema de por que e como nossa cultura privilegia uma e marginaliza — quando não discrimina — a outra” (Weeks, 2000, p. 34).

A considerar as duas correntes teóricas citadas acima, e sob o olhar da psicologia científica que estuda a homossexualidade em que se objetiva tentar compreender suas atuais problemáticas, levanta-se a seguinte questão: como os pesquisadores considerariam a homossexualidade? Para responder a esta questão, busca-se conhecer de que modo os pesquisadores em psicologia desejam entender a homossexualidade, ou seja, qual seria o papel da psicologia quando esta se propõe a entender a homossexualidade, pois, segundo Weeks, houve uma intensa necessidade de se controlar a sexualidade humana, e acredita-se que a homossexualidade também tenha passado por esse controle:

Na medida em que a sociedade se tornou mais e mais preocupada com as vidas de seus membros — pelo bem da uniformidade moral, da prosperidade econômica; da segurança nacional ou da higiene e da saúde — ela se tornou cada vez mais preocupada com o disciplinamento dos corpos e com as vidas sexuais dos indivíduos. Isso deu lugar a métodos intrincados de administração e de gerenciamento; a um florescimento de ansiedades morais, médicas, higiênicas, legais; e a intervenções voltadas ao bem-estar ou ao escrutínio científico, todas planejadas para compreender o eu através da compreensão e da regulação do comportamento sexual. (Weeks, 2000, p. 36-37)

Assim, ao passo que se abre uma compreensão que leva a um sentido transitório da homossexualidade, é necessário se compreender sua vertente histórica, para que haja uma identificação do seu conceito atual.

2. A CONSTRUÇÃO HISTÓRICO - SOCIAL DA HOMOSSEXUALIDADE

Esta seção tentará discorrer sobre a homossexualidade por meio de um prisma histórico-social, segundo o qual a homossexualidade seria uma expressão da diversidade sexual e que ao longo do tempo esteve presente nas relações sociais. O pensamento atual de que haveria na sociedade pós-moderna diversas possibilidades de existir, permite admitir que tal pensamento parece refletir-se nas questões das sexualidades. O termo compreendido no plural sugere abranger todos os seres humanos, sem que haja quaisquer discriminações conceituais. Deste modo, todos nós possuiríamos uma sexualidade expressada a partir da nossa subjetividade e que toda subjetividade apresenta uma sexualidade específica.

Neste esforço, Garton (2009) considera que a sexualidade “refere-se ao modo como as práticas sexuais são transformadas em significantes de um tipo particular de identidade social”. Assim sendo, pressupõe-se que a sexualidade, bem como as práticas sexuais de determinado grupo ou indivíduo, seria assimilada em um sentido identitário, promovendo o pertencimento social em cada indivíduo.

Por sua vez, a contextualização da homossexualidade, na perspectiva histórico-social, tem sobretudo o objetivo de demonstrar como os registros históricos da sua existência sugerem uma possibilidade de elucidações teóricas, a fim de mitigar possíveis anacronismos a respeito do tema, quando associado à patologia. Neste sentido, é necessário fazer refletir, nesta seção, sobre a homossexualidade podendo ser concebida como fenômeno transcultural e apresentada de maneira diversa. Contudo, não se sabe ao certo de qual maneira, nem onde a homossexualidade ficou associada a aspectos patológicos: “Os comportamentos homossexuais terão existido em todas as sociedades, mas em culturas e tempos específicos algo terá acontecido para que as pessoas tenham classificado esses comportamentos como desviantes”. (Garton, 2009, p.20)

O mesmo autor define o termo sexo como práticas interligadas de prazer, desejo e poder. E continua dizendo que: “estas práticas incluem, mas não se confinam à cópula ou outros aspectos de penetração” (Garton, 2009, p. 12). Vê-se a partir da afirmação acima que ao alinhar o termo sexo a uma conotação imaterial (prazer, desejo e poder), o autor citado amplia o conceito, e ao mesmo tempo afasta o seu significado de uma ideia totalitária em que o mesmo corresponderia apenas ao encontro concreto entre duas genitálias e/ou zonas erógenas. De acordo com Garton (2009), considera-se que o sexo, enquanto prática transformar-se-ia em instância catalizadora de subjetividades, em que se sugere a possibilidade de uma ampliação conceitual sobre as práticas sexuais.

Neste sentido, o mesmo autor, ao concluir que “...esta matéria ultrapassou em muito as explicações de ideias exóticas e obsessões estranhas, dedicando-se à análise sofisticada de assuntos como subjetividade, identidade, poder, desejo, gênero, corporização”. (Garton, 2009, p.11) compreende que os estudos sobre a sexualidade na

perspectiva histórica e no recorte que aqui se faz a respeito do estudo da história da homossexualidade poderão ser mais abrangentes. De acordo com ele, a história da homossexualidade insere-se acoplada a questões de ordem cultural, antropológica e psicossocial.

Destarte, estes apontamentos parecem dimensionar uma nova conceituação sobre sexo e sexualidade. Entende-se, de igual modo, que o indivíduo homossexual, bem como as práticas homossexuais, muda através do tempo, conforme o autor demonstra, ao indagar: “As práticas entre indivíduos do mesmo sexo podem ocorrer num vasto leque de ocasiões e lugares, mas será uma identidade homossexual encontrada com a mesma frequência?” (Garton, 2009) Optamos assim por tentar localizar a homossexualidade na história recente, a partir da vertente política e social. Desta maneira, o ítem subsequente tentará demonstrar o quanto o homossexual insere-se, ao menos em parte, no cenário cultural, ora na condição de pecador, ora como criminoso ou, mais recentemente, como doente. Considera-se, portanto, que estes três aspectos podem ser produtos de expressões sociais, culturais e políticas.

Para o Cristianismo, o sodomita era declaradamente criminoso e sofria penalidades que variavam conforme a falta cometida. Houve aproximadamente desde os anos 1450 a condenação contra o indivíduo que praticasse sexo com outro homem, conforme salienta Mott “Ser sodomita, porém, sempre foi crime gravíssimo, tanto que três alçadas, a justiça real, o tribunal do Santo Ofício e a justiça episcopal se articulavam para descobrir, perseguir, prender, sequestrar os bens, açoitar, degredar e executar os réus deste crime abominável” (Mott, 2002, p. 144).

Sendo assim, ao que parece, foram criados tanto pelos representantes da igreja quanto pelos do direito penal diferentes condutas que se transformaram em dispositivos a fim de justificar os atos de execução, como salienta Gregersen, (1983, p. 20):

Durante o reinado de Valentino I, o imperador cristão do século IV, dizia-se que os homens culpados de sodomia tinham que ser queimados vivos. Na época do imperador Justiniano (século VI), a sentença de morte para atos homossexuais estava certamente nos livros – apesar de Justiniano castrar ao invés de matar os ofensores – e foi oficialmente lembrada durante a história bizantina. Na Europa Ocidental, na Idade Média, a carga da sodomia parece ter sido empilhada sobre os hereges e outros que iriam ser mortos de qualquer modo, sendo assim, a realidade da lei aqui, não está clara.

Embora a criminalização contra o sujeito que praticasse sexo com outro homem fosse de comum acordo entre os legisladores, parece que ela ficou marcada por constantes instabilidades, revelando a dificuldade que os representantes dos poderes

eclesiástico e civil demonstravam em legislar contra ou a favor do homossexual, conforme registros na Inglaterra do século XVI apontados por Gregersen 1983, p.21):

Na Inglaterra, a lei eclesiástica sobre o sexo foi convertida, em grande parte, em lei civil comum. Durante o reinado de Henrique VIII, a noção de pecado contra a natureza foi transformada naquela de crime contra a natureza, de modo que em 1533 a sodomia foi considerada crime pela primeira vez, apesar dessa lei ter sido revogada pelo primeiro parlamento de Eduardo VI, seu sucessor. Em 1548, a sodomia foi novamente considerada crime, mas essa lei foi uma vez mais abolida em 1553, sob o reinado da rainha Mary. Em 1563, a lei foi reestabelecida pela rainha Elizabeth e permaneceu (com alguma modificação) até sua revogação em 1567. A punição variava, mas de época em época incluía morte ou prisão perpétua.

De todas as nações do Velho Mundo, a Inglaterra parece ter sido a mais rígida com os homossexuais, elaborando leis que ameaçavam e puniam aqueles que distanciassem da heteronormatividade:

O domínio dos puritanos no Parlamento Inglês, levou, em 1650, ao Ato de 1º. De Maio, segundo o qual adultério e sodomia eram puníveis com a morte, e fornicção com prisão de três meses e colocação de uma algema, para garantir bom comportamento. O Restabelecimento de Charles II em 1660 viu a revogação de todas as leis sobre sexo, exceto aquelas que tratavam da prática de sodomia. (Gregersen, 1983, p. 21)

Desta maneira, verifica-se a dificuldade britânica ao que se refere à equidade nas punições, na qual se observa a discriminação contra aquele que era considerado sodomita. Porém, o que se observa seria uma possível dissociação entre homossexualidade e criminalidade, a qual incidiria, segundo Gregersen (1983, p.21) nos representantes da Igreja:

“Segundo um ritual de penitências do País de Gales, a sodomia requer uma penitência de quatro anos, em oposição a uma peregrinação de três anos, por incesto com a mãe. O penitencial irlandês do século VI, atribuído a São Colombo, insiste numa penitência de 10 anos para sodomia cometida por um clérigo ou monge, mas de apenas 7 anos se for cometida por um leigo. Em ambos os casos, o único alimento que o penitente pode comer é pão e água, sal e vegetais secos.”

A denominação de pecador - associada à figura do homossexual - vai sendo escamoteada através dos tempos por meio de dispositivos eclesiásticos e jurídicos, que pouco a pouco vão substituindo as execuções do cristianismo, nos países do Velho Mundo, para a lei civil comum. Assim, o homossexual fica marcado não mais como pecador passível de morte, mas como criminoso abjeto (Trevisan, 2000).

2.1. A homossexualidade no Brasil

Conforme os seguimentos legislativos instaurados pela Igreja, reforçados pelo sistema monárquico europeu, e sob a argumentação da necessidade em disciplinar a sexualidade tanto dos indígenas, como dos primeiros imigrantes europeus, foram surgindo em terras brasileiras documentos de caráter político-cristão, como as Ordenações. Trata-se, segundo Trevisan (2000), de documentos que continham normas que deveriam ser seguidas alinhadas aos aspectos disciplinadores existentes na Igreja Católica dos países do Velho Mundo. Deste modo, a fim de padronizar os conceitos judaico-cristãos ortodoxos, a figura do sodomita foi sendo construída, no Brasil, por meio das Ordenações. (Trevisan, 2000)

Segundo este autor, sob a égide da primeira Ordenação - a Afonsina - inaugura-se o que se considera a primeira manifestação - formal e pública - contra a figura do homossexual, em que se aponta, no livro V, título 17: pena de fogo contra a sodomia – “pecado de todo o mais torpe, sujo e desonesto”, por causa do qual “Deus lançou o Dilúvio sobre a terra” (Trevisan, 2000, 164). Estas leis foram sendo aprimoradas, a fim de se coibir a prática sexual entre pessoas do mesmo sexo:

As Ordenações Manuelinas, por sua vez, (publicadas em 1521, sob o reinado de D. Manuel) e Filipinas (solicitadas por Filipi I mas só publicadas em 1603, no reinado seguinte) – tomaram como base as Ordenações Afonsinas, com reformulações e atualizações secundárias. No entanto, as Ordenações Manuelinas, sendo o mais antigo Código Penal aplicado no Brasil, a sodomia passou a ser equiparada ao crime de lesa-majestade. Além da pena de fogo, foi acrescentado como punição o confisco dos bens e a infâmia sobre os filhos e descendentes do condenado. (Trevisan, 2000, p. 164)

Para Trevisan (2000) há relatos reveladores que, ainda nos primeiros anos de colonização, existiu uma intolerância superlativa contra os homossexuais. Começa-se,

assim, a surgirem no Brasil os primeiros contornos de uma cultura de ameaça em que prepondera a instalação de um cenário discriminatório contra os homossexuais, pelo qual parece vicejar até os dias atuais no imaginário coletivo.

Os estudos históricos sobre a homossexualidade descrevem que as questões políticas sempre estiveram à frente das punições contra o homossexual, ao contrário do que ocorria nos países do Velho Mundo, em que as leis eclesiásticas tinham total soberania no destino dos homossexuais. Assim, o estado monárquico demonstrava poder por meio de punições severas, em que a “punição à sodomia não era passível de atenuação e misericórdia, mesmo que o criminoso fosse nobre ou funcionário da Coroa – posições que geralmente outorgavam imunidade ou privilégios, em se tratando de outros crimes”. (Trevisan, 2000, p. 165).

Desta maneira, no início do século XVII, tendo por referência os movimentos políticos ocorridos anteriormente na França, o Brasil encontra caminhos para atenuar a perseguição contra os homossexuais. Como resultado dos movimentos políticos inspirados pelo ideal burguês, adotou-se, na França, na condição de diretriz ideológica, a *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, promulgada em 1789. Esta declaração, conforme salienta o historiador francês Georges Lefebvre, torna-se símbolo da Revolução Francesa, por meio da qual a maior referência é, sobretudo, a liberdade humana reforçada pelo axioma “os homens nascem livres e permanecem livres e iguais em direitos” (Lefebvre, 2008, 215).

Apesar disso, os movimentos antimonarquistas que caracterizaram a Revolução Francesa parecem ter sido assimilados em um Brasil ainda em conflito com a própria identidade cultural:

Nesse contexto, em 1810, Napoleão retirou os delitos homossexuais do Código Penal da França, que a partir de então deixou de incluir punições à prática sexual entre pessoas do mesmo sexo, quando privadamente e entre adultos consentidos. O código penal brasileiro de 1830 parece ter sido tão importante que acabou influenciando poderosamente o Código Penal Espanhol e, por intermédio dele, os códigos penais de muitos países da América Latina. Tudo isso era, sem dúvida, ecos da Revolução Francesa antimonarquista que, paradoxalmente, frutificava num Império tropical – contradição com certeza nada surpreendente nessa dispartada colchas de retalhos que o Brasil sempre foi” (Trevisan, 2000, 166)

Desta maneira, a Revolução Francesa é marcada pela iluminação dos valores e da justiça, em que “só em 1821 é abolida a Inquisição Portuguesa e em 1823, por influencia modernizante do Código de Napoleão, a sodomia deixou de ser crime também no Brasil” (Mott, 2002, p.145). Segundo Trevisan (2000), a discriminação no Brasil contra homossexuais foi reforçada, ao longo do tempo, pelas classes dominantes. Assim, em se tratando da cultura brasileira, Trevisan se refere às elites - defensoras

tenazes do ideal da família tradicional – como porta-vozes daquilo que Mott denomina como *homofobia internalizada* (Mott, 2002), em que não se admitia a existência de figuras que não correspondessem ao ideal heteronormativo:

No conceito de elite estou incluindo, para além dos óbvios donos do poder (político, econômico ou religioso), tanto a emergente burguesia, ansiosa por ascensão social, quanto o setor intelectual do país que, além de usufruir privilegiadamente do aparelho cultural, em geral é o que prepara os caminhos ideológicos de dominação da população – mesmo quando invoca ideais e intenções progressistas. (Trevisan, 2000, p. 157).

Mott, por sua vez, insere ao conceito de *homofobia internalizada* um significado psicológico do qual este seria associado a um “ódio mórbido contra a homossexualidade, provocando nestes doentes [os homofóbicos] sintomas diversos (além de mau humor, espinhas e prisão de ventre), incluindo neuroses de frustração sexual, suicídio e atos de violência, como agressões e assassinato sádico de homossexuais” (Mott, 2002, p. 147). Essa discussão sugere que talvez tenha sido a elite brasileira a maior responsável pela gênese da homofobia no Brasil, de modo que o horror ao homossexual foi sendo incutido pouco a pouco na ideia da homossexualidade, relacionando-a à patologia:

São também essas elites que reorganizam continuamente a moldura da repressão sexual, de maneira sutil ou não, na vida brasileira (vide os cultores da psiquiatria), às vezes disseminando em doses homeopáticas preceito de naturalidade e normalidade, os grupos oligárquicos estão envolvidos em atividades que têm coibido incansavelmente a atividade homossexual entre os brasileiros, no passado e no presente – como a Inquisição, os códigos penais, as portarias policiais e a censura estatal. (Trevisan, 2000, p. 157).

As primeiras manifestações organizadas pelos homossexuais têm suas raízes na Alemanha (Silva, 2009). Neste país, começa a surgir, sobretudo nas primeiras décadas do século XX, um esforço no sentido de descriminalizar a figura do homossexual por parte dos líderes dos movimentos. Deste modo, todo este empenho parece ter ido em direção a um discurso mais “humanizado”. Porém, o que se observa são contornos contraditórios, que remetiam ao pensamento do qual resultava o castigo contra o a da natureza do homossexual, conforme pontua Silva quando diz que a homossexualidade, sendo uma maldição, não deveria ser penalizada pela lei, uma vez que não dependia do homossexual a sua condição, pois este já nascia com características que não atendiam ao padrão heteronormativo (Silva, 2009).

Outro movimento significativo que parece preocupar-se em conscientizar a sociedade de um modo geral, desta vez retirando a alcunha de doente, por um lado, mas

por outro inaugurando a concepção hierárquica entre os homossexuais, foi a *Comunidade dos Setetos*, também surgida em solo alemão (Silva, 2009). Liderada pelo anarquista Adilf Brand, esta comunidade propagou a visão masculina da homossexualidade com o intuito, segundo o autor, de trazer o homossexual para o universo heterossexual, sem no entanto desrespeitá-lo na sua essência homossexual mas desrespeitando-o sobremaneira na sua liberdade de expressar o seu comportamento sexual.

O principal discurso da *Comunidade dos Setetos* “consistia em afirmar um modo de se ser homossexual pautado no padrão heterossexual mediante o qual as posturas masculinas percebidas em homens homossexuais eram, não poucas vezes, sobrevalorizadas”. (Silva, 2009, p. 128) Deste modo, mediante um discurso deveras discriminatório, a *Comunidade dos Setetos* defendia que o homem que desejasse outro homem deveria compreender que estava sob uma condição, a de que “por ser um homossexual não implicaria nenhuma patologia, desde que se fosse um homossexual com posturas masculinas” (Silva, 2009, p. 128)

Observa-se que, se por um lado tanto o *Comitê Científico Humanitário* quanto a *Comunidade dos Setetos* parecem ter reproduzido em alguns aspectos um discurso semelhante àquele protagonizado outrora pelos representantes da igreja e da jurisdição, sendo que os primeiros se referiam sempre com veemência sobre um suposto castigo divino e os segundos traziam em seus discursos eloquentes a ameaça de uma penalização, por outro lado parece ter havido uma sutil evolução no que tange às possibilidades de se dialogar com as instâncias envolvidas.

No Brasil, houve por seu turno outro movimento de resistência ao qual as décadas de 70 e meados da de 80 do século XX parecem ter oferecido um cenário, embora conturbado, propício a publicações e organizações que ensejassem uma posterior visibilidade de reivindicações que os homossexuais tanto desejavam. No período de ditadura no Brasil, em 25 de maio de 1978, é publicada a edição número um do jornal *O Lâmpião da Esquina*, sendo um dos primeiros jornais impressos com pretensões políticas através das quais mostra “suas claras intenções de intervir nas estruturas social e grupal, buscando normalizar o fato homossexual e extirpar da sociedade todas as expressões preconceituosas a que grupos minoritários são e estão submetidos”. (Silva, 2009, p. 171).

O autor citado salienta que este primeiro veículo de mídia teve a proposta de dialogar também com a elite intelectual brasileira, de modo que assim pudesse ser respeitado pelos seus ideais não apenas anárquicos, mas antes calcados em argumentos que traziam, em seu escopo, uma análise crítica das questões humanas,

Com períodos que são, em sua maioria, longos e compostos, denotando certa complexidade de leitura, percebe-se claramente que *O Lâmpião* era um periódico que buscava criar e estruturar uma

comunidade *lesbigay* consciente de seus Direitos e com argumentos convincentes e plausíveis, que possibilitassem a aparição pública e positiva da comunidade homossexual (Silva, 2009, p. 172).

Ensejou-se desta forma unir as vertentes de protesto e ao mesmo tempo de conscientização. “Assim, *O Lampião da Esquina* lança uma campanha, conclamando os homossexuais ao abandono da vida em e no gueto, ao mesmo tempo em que se lança como um espaço de esclarecimento e militância”. (Silva, 2009, p. 172). Instalado no Rio de Janeiro, o jornal *O Lampião da Esquina* tinha como projeto temas tratados de modo secundário, “tais como sexualidade, discriminação racial, artes, ecologia, machismo – e a linguagem empregada era comumente a mesma linguagem desmunhecada e desabusada do gueto homossexual” (Trevisan, 2000, p. 338). Observa-se, portanto, os esforços de seus idealizadores em mediar uma possível comunicação entre as elites e a comunidade *gay*, até então tratadas com indiferença social pelas primeiras.

Na cidade de São Paulo surge, em maio de 1978, outro grupo expressivo, que teve por iniciativa influenciar mais diretamente os homossexuais a saírem da invisibilidade. Trata-se do *Grupo Somos de Afirmação Homossexual*, que surgiu a partir de iniciativas ocorridas anteriormente por meio do *Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais*, organizado por um grupo de estudantes homossexuais (Silva, 2009; Trevisan, 2000). Paralelamente a isso, surgiram também as manifestações artísticas que traziam, segundo Silva (2009), uma mensagem ambígua: “nesta época, alguns artistas, como o cantor ‘Ney Matogrosso’ e o grupo ‘Dzi Croquetes’ embaralharam, propositadamente, as referências femininas e masculinas em suas performances” (Silva, 2009, p. 166).

A arte, bem como a publicidade dos anos 70, parece denunciar a hipocrisia contida na sociedade brasileira. É por ela que “não apenas as plateias, mas toda a sociedade é questionada, é publicizado o tabu da sexualidade e, em especial, da homossexualidade” (Silva, 2009, p. 166). Desta maneira, Silva salienta que:

a homossexualidade começa a ser percebida como uma condição uniforme e universal e passa a ser compreendida como atravessada por dimensões de classe, etnia, raça etc., o que ajuda a fazer com que a ação política empreendida por militantes e apoiadores torne-se mais visível e assuma um caráter libertador, crítico de uma heterossexualidade obrigatória presente na sociedade (Silva, 2009, p.166).

Para Saffioti (2002) há uma tendência segundo a qual existiria uma lógica dominante que estrutura a sociedade: “a lógica do patriarcado” que representa um sistema de dominação-exploração. (Saffioti, 2002, p. 50). Neste sentido, parece haver

uma hierarquia que serve aos ditames de uma sociedade homogeneizante, em que se insiste em admitir, no campo da sexualidade, apenas binômio masculino-feminino nas relações humanas. Por outro lado, Silva descreve possíveis alianças entre grupos reconhecidos como minorias:

Neste período de escuridão na história nacional recente, os movimentos homossexuais se associaram com outros movimentos urbanos como o feminista e o negro. Todos reivindicavam a igualdade enquanto valor básico nas relações interpessoais, e se associavam ao movimento mais amplo de redemocratização do país, constituindo-se, assim, nos setores mais progressistas (Silva, 2009, p. 165).

Todavia, conforme salienta Silva (2009), dentre os três grupos destacados, o que parece mais sofrer com a discriminação é o grupo LGBT. Nem as mulheres, nem os negros parecem ainda dispostos a se juntarem aos homossexuais, no que tange às reivindicações. Neste aspecto, torna-se importante frisar que “os homossexuais constituem a única categoria social que se faz presente em todos os demais grupos minoritários” (Mott, 2002, p. 153), de modo que, como lembra o autor, os *gays*, lésbicas e transgêneros representariam, pelo menos, 10% da população brasileira, ou seja, uma margem significativa que ainda não encontra espaço de reconhecimento. Embora o quadro apresentado tenha conotações dramáticas para os homossexuais, há aspectos de generosidade por parte dos homossexuais ao considerarem as mulheres, assim como os negros, como semelhantes no aspecto minoritário. O autor lamenta, contudo, que não há reciprocidade nas relações, em que equanimidade e igualitarismo entre os três grupos são ainda inexistentes (Silva, 2009).

Assim, conforme os dados históricos, os homossexuais parecem necessitar de maior identidade e coesão para se fazerem reconhecidos enquanto grupo com identidade própria. Percebe-se, ademais, os conflitos das relações em que o exercício de poder parece estar presente. Outro aspecto a se refletir, na dimensão da homossexualidade, é a aparente dificuldade em se fixar em uma nomenclatura para fins de se criar uma identidade estável e, portanto, respeitável. No que se refere às denominações que envolvem o indivíduo que deseja outra pessoa do mesmo sexo, existem algumas variações que mudam de acordo com a militância política de determinado período histórico. Desta maneira, as identidades vão se formando em categorias de caráter mutável, sobretudo na contemporaneidade.

Assim, Silva (2009) retrata que, nos anos 70, por exemplo, os homossexuais se identificavam como *bicha*, com o intuito de distanciar a figura do homossexual do padrão *machão*, tão cultuado nesta década. Nos anos 80, conforme foi ocorrendo uma maior visibilidade do/da homossexual, surge uma nova denominação em que os/as homossexuais ficaram conhecidos como *entendido/a*, como forma de transmitir a

mensagem de que o/a homossexual era reconhecido/a entre seus/suas pares. O termo *gay*, primeiramente popularizado nos Estados Unidos, foi consolidado no Brasil na década de 90 (Silva, 2009). Devido à sua abrangência nos países ocidentais, este termo parece consolidar-se como bandeira política, por meio da qual os homossexuais o utilizam para se fazerem ouvidos. Tudo indica que tais termos vão sendo momentaneamente apropriados pela sociedade, com variações dependendo da cultura, para que talvez haja uma espécie de trégua a respeito dos possíveis incômodos históricos que a homossexualidade sempre suscitou no inconsciente coletivo. Neste sentido, parece que algo ainda está em vias de se realizar, pois as nomenclaturas não se aquietam no vocabulário universal, o que nos faz concordar com Hillman: “desconfie sempre quando não existe uma boa palavra para designar alguma coisa. Indica que as pessoas não se sentem à vontade com o assunto” (Hillman, 1995, p.102).

Neste sentido, talvez seja por isso que nem sempre as denominações são categorias que sirvam apenas para empoderar o homossexual, uma vez que podem ser muitas vezes usadas de maneira pejorativa e discriminatória:

Gay e Homossexual, assim como *lésbica* no plano feminino, funcionam como categorias identitárias e psicopolíticas todas as vezes que são usadas por alguém para fazer referência aos homens e às mulheres que elegem seus iguais biológicos como objeto de amor e de desejo sexual. E isso para bem, ou seja, para o resgate da identidade, quanto para o mal, ou seja, para novas formas veladas de patologizar o sujeito. (Silva, 2009, p. 168).

No que diz respeito às mulheres homossexuais, observa-se uma dificuldade ainda maior de reconhecimento de identidade, a qual não considera que se trata de um grupo distinto do grupo *gay*, já que este último é formado majoritariamente por homens homossexuais. Desta maneira, muito embora as lésbicas tenham, na história recente do movimento *gay*, contribuído para a propagação deste, nem sempre foram reconhecidas como um grupo distinto. Tampouco foram totalmente aceitas pelo movimento feminista. Destarte, torna-se patente que o termo *lésbica* tem a possibilidade de favorecer a uma identidade psicopolítica, por meio de uma categoria específica. (Silva, 2009, p. 169)

Observa-se que a homossexualidade, até os anos 80 do século XX, nunca esteve dissociada de uma conotação negativa. Nas décadas seguintes, porém, houve uma sutil mudança neste quadro. Embora a homossexualidade ainda esteja associada a algo negativo, esta pode agora dialogar por meio do prisma de uma das sexualidades, dentre tantas outras que se estuda atualmente. (Silva, 2009; Trevisan, 2000).

3. HOMOSSEXUALIDADE NA HISTÓRIA POLÍTICO SOCIAL DO BRASIL: PATOLOGIA OU CONSTRUÇÃO SOCIAL?

A seção anterior discorreu sobre a maneira como havia sido construída histórica e socialmente a figura do homossexual, que nos séculos XVII e XVIII era identificada como sodomita - termo disseminado pela Igreja, cuja conotação era um misto de pecador e criminoso. Posteriormente, nos séculos XIX e início do século XX, o homossexual foi então identificado pelos médicos como pederasta, sendo então associado como doente, ficando recluso da sociedade. A seção a seguir tentará compreender como se formou, no Brasil, a ideia de homossexualidade associada à patologia. Para revisão, focalizam-se aqui os discursos dos representantes da medicina dos séculos XIX e XX, fundamentada em autores que dialogam com a problemática, como Michel Foucault (1997), Trevisan (2000) e Vieira (2009), e os dados históricos que revelam que a figura do/da homossexual emerge, neste período, na condição de objeto que fomentou experimentos científicos extravagantes.

O termo homossexualidade parece ser recente em comparação à história da sexualidade. O termo foi lançado primeiramente em 1869, na Alemanha, pelo médico austro-húngaro Karl Maria Kerbeny, segundo ele, “a instauração do homossexualismo enquanto categoria científica pretendia a obtenção de enfoques mais rigorosos e menos subjetivos” (Trevisan, 2000, p.178). No entanto, a gênese do preconceito contra homossexuais parece ter seu início antes mesmo de se cunhar a nomenclatura homossexualidade. Neste sentido, Foucault (1997) levanta hipóteses de repressão sexual e descreve que foram sedimentados, por meio dos discursos sobre sexo, alguns dispositivos sexuais cujo nascimento se dá a partir das técnicas de confissão dos clérigos do século XVI, por meio das quais “houve uma disseminação e implantação das sexualidades polimorfais” (Foucault, 1997, p.17). Para Foucault foram implantadas ao longo do tempo técnicas que exerciam o controle dos corpos, sendo disseminadas primeiramente pela Igreja na forma de confissão, posteriormente apropriadas pela figura do médico do século XIX e XX. O autor descreve uma excessiva ‘vontade de saber’ tanto por parte dos representantes da Igreja quanto por parte dos médicos. Ademais, Foucault salienta que as técnicas desenvolvidas pela Igreja seriam a primeira ciência da sexualidade cujo propósito seria reprimir as chamadas sexualidades polimorfais. Para Foucault, (1997, p.34).

Desde o século XVIII, o sexo não cessou de provocar uma espécie de erotismo discursivo generalizado. E tais discursos sobre o sexo não se multiplicaram fora do poder ou contra ele, porém lá e onde ele se exercia e como meio para seu exercício; criaram-se em todo canto incitações a falar; em toda parte, dispositivos para ouvir e registrar, procedimentos para observar, interrogar e formular.

No século XIX contudo, retrata-se a preocupação excessiva com quatro categorias passíveis de estudos sobre o sexo que se tornaram alvo de fixação dos empreendimentos do saber, quais sejam: a mulher histérica, a criança masturbadora, o casal malthusiano e o adulto perverso (Foucault, 1997). Em um cenário social em que soçobrava o pensamento positivista tão ao gosto dos cientistas, surgem os primeiros médicos a fim de conter as chamadas sexualidades polimorfas, identificadas anteriormente sob o prisma da concepção de pecado pela Igreja como ameaçadoras à sociedade. Neste sentido, foi por meio de uma linguagem científica específica que as sexualidades ficaram a mercê de experimentos que pareciam controlar, prevenir e categorizar pessoas que apresentassem um comportamento que não atendesse ao ideal do casal monogâmico heterossexual. Logo “o casal legítimo, com sua sexualidade regular tem direito à maior discricção, tende a funcionar como uma norma mais rigorosa talvez, porém mais silenciosa”. (Foucault, 1997, p. 39)

Houve, sobretudo no final do século XIX e início do século XX, a implantação do medo pelos representantes da medicina, a fim de manter a sociedade fiel aos ideais do exercício da sexualidade que fosse homogênea na sociedade ocidental. A partir disso, segundo Foucault (1997, p. 16-17):

[...] o ponto essencial (pelo menos em primeira instância) será saber sob que formas, através de que canais, fluindo através de que discursos o poder consegue chegar às mais tênues e mais individuais das condutas. Que caminhos lhe permitem atingir as formas raras ou quase imperceptíveis do desejo, de que maneira o poder penetra e controla o prazer cotidiano – tudo isso com efeitos que podem ser de recusa, bloqueio, desqualificação, mas, também, de incitação, de intensificação, em suma as técnicas “polimorfas do poder”.

No que tange à categoria “adulto perverso”, o intento parece ter sido o de manter o poder a partir de um saber científico direcionado também à figura do homossexual, configurando e consagrando assim a homossexualidade associada à patologia.

A obtenção da confissão e seus efeitos são recodificados na forma de operações terapêuticas. O que significa, inicialmente, que o domínio do sexo não será mais colocado, exclusivamente, sob o registro da culpa e do pecado, do excesso ou da transgressão e sim no regime (que, aliás, nada mais é do que sua transposição) do normal e do patológico; define-se, pela primeira vez, uma morbidez própria do sexual; o sexo aparece como um campo de alta fragilidade patológica: superfície de repercussão para outras doenças, mas também centro de uma nosografia própria, a do instinto, das tendências, das imagens, do prazer e da conduta. (Foucault, 1997, p. 66)

Talvez por influência da supremacia do pensamento europeu, pelo menos a respeito da construção de uma hipótese repressiva que foi disseminada em todo o ocidente conforme descreve Foucault, encontra-se também, por meio de suas reflexões, um constructo cultural no Brasil. Neste sentido, a medicina brasileira por seu turno parece não ter se ocupado em compreender a subjetividade do homossexual, não sendo considerado entre os médicos um sujeito singular, conforme pontua Trevisan (2000): “Assim como os criminosos, os loucos e as prostitutas, também os homossexuais passaram a ser meticulosamente estudados” (Trevisan, 2000, p.182).

A sexologia, considerada a ciência que procura compreender a dimensão da sexualidade humana, encontra em seu bojo a necessidade de desvendar a figura do homossexual a fim de instituí-lo como subcategoria sexual, “o que significou, em grande parte, produzi-la enquanto patológica” (Vieira, 2009, p. 409). Com uma linguagem objetiva advinda do positivismo, a sexologia do século XIX orgulhou-se em classificar “tipos” e comportamentos sexuais, anulando sobretudo a subjetividade do homossexual por meio da apropriação de sua “existência e corpo, tornando-o objeto de investigação, escrutínio e vigilância, bem como de disputas sobre sua representação” (Vieira, 2009, p. 409).

Neste cenário, surgem as pesquisas que contêm termos e teorias para explicar a homossexualidade em uma vertente científica. Influenciados pelos pesquisadores estrangeiros, dentre os quais o “mais notório está o livro *'Psychopathiasexualis'*, escrito em 1894 pelo austríaco Kraft-Ebing” (Vieira, 2009, 494), os sexólogos brasileiros logo encontraram ensejo para disseminar o medo em terras brasileiras. Este impulso, conforme salientam pesquisadores, tenha talvez sido motivado com fins políticos e econômicos (Martins, Leite, Porto, Netto, 2014):

O sexo monogâmico heterossexual no centro da norma e da sustentação da estrutura social; do ponto de vista do método científico, a catalogação e classificação do comportamento humano, o que dificilmente permite algo para além do registro binário *versus* patológico. (Martins, Leite, Porto, Netto, 2014, p. 165).

Contudo, a obra que serviu de referência para o início do movimento higienista no Brasil continha em seu conteúdo argumentações de ordem moral. O *'Psychopathia sexualis'* “partia da premissa de que o desejo sexual era em si perigoso para a civilização, sempre beirando a patologia e a doença, uma força que se não controlada ameaçaria a ordem social”. (Vieira, 2009, 494). Trata-se, portanto, de um posicionamento enviesado do autor, conforme uma preconização mais recente de outro representante da sexologia, Havelock Ellis, que, em 1987, denomina que há uma “inversão sexual” ocasionada em homens cuja alma apresentava uma sensibilidade

feminina (Vieira, 2009, 494). Apesar de um aparente afrouxamento desta última teoria, percebe-se que o termo “invertido” sugere uma segregação ideológica, mascarada por um discurso benevolente. Ocorre que, “desde o início dessa medicalização, as ‘sexualidades contrárias’ e ‘invertidas’ constituem um problema. Essa conjuntura inaugurou uma tradição secular, na qual o anormal e o homossexual serão enigmas, enquanto que o normal e heterossexual serão aceitos”. (Vieira, 2009, 494)

Neste ponto, compreende-se que os primórdios da sexologia poderão dar margem, a partir de suas premissas, a um distanciamento entre homossexuais e heterossexuais, colocando os primeiros na condição de doentes. A partir deste ponto é que os sexólogos brasileiros iniciam seus trabalhos. É notória, por exemplo, a proposta do “Guia de Medicina Homeopática, do Dr. Nilo Cairo (...), que no início do século XX sugere o tratamento das ‘desordens sexuais’, onde há um manual que oferece orientações precisas de medicações para curar ‘homens pederastas e mulheres lésbicas’, assim como ‘aversão ao outro sexo’ e até a minúcia de ‘traumatismo do reto nos pacientes de pederastia”. (Trevisan, 2000, 159).

Verifica-se nas últimas décadas do século XX que ainda haveria no Brasil uma série de prescrições para conter o “mal” da homossexualidade, conforme demonstra Trevisan (2000, p.159):

No final da década de 70, manual de medicina natural apontava o homossexualismo masculino como ‘patologia psíquica ou somática’, passível de ser curada através dos mais diversos tipos de tratamento, apresentados pela macrobiótica, acupuntura, do-in, homeopatia, fitoterapia, shiatsu e hata-yoga, não se esquecendo de recomendar, na seção de ‘conselhos especiais’, que se evitassem alimentos doces e artificiais (refrigerantes, sorvetes, chocolates, chicletes, balas, etc.) – para não ‘pegar’ homossexualidade, naturalmente (Trevisan, 2000, p.159).

Nota-se, de acordo com Trevisan (2000), uma espécie de fobia por parte dos médicos que se expressavam, de modo que poderiam influenciar os leitores de suas obras a aceitar a ideia de uma ameaça constante. Esta obsessão entre os médicos brasileiros teve como fundamento um movimento denominado movimento higienista. Com seu início no final do século XIX, surgem “as primeiras manifestações e causas da homossexualidade com interesse na normalização da vida sexual; projeto que fazia parte do movimento higienista dirigido ao controle e a regulação da vida urbana.” (Trevisan, 2000, p. 159). Esta cultura tinha como parâmetro as “doutrinas pragmáticas, liberais e positivistas ligadas às Revoluções Francesa e Americana, por um lado, e à Revolução Industrial, por outro”. (Trevisan, 2000, p. 161)

Para Trevisan, portanto, iniciaram-se no Brasil “novas articulações advindas das malhas de ‘um poder mais sutil, mais científico’, dando lugar aos primeiros higienistas, depois os médicos-legistas e os psiquiatras”. (Trevisan, 2000, p. 162) Contudo, procura-se aqui sincronizar o movimento higienista do século XIX com os fatos ocorridos na história recente do Brasil. Um indício de sua influência de poder são as ocorrências atribuídas aos setores de propagação ideológica, como por exemplo a imprensa, que nos anos 80 reportava-se à AIDS como um ‘câncer gay’ (Silva, 2009, p. 16).

“O aparecimento da AIDS contribuiu para o fortalecimento dos discursos homofóbicos e moralistas, que as igrejas cristãs e os setores conservadores comprometidos com essa lógica perversa, lançavam junto à opinião pública” (Silva, 2009, p. 186).

Desta maneira, considera-se que o imaginário coletivo, entre os brasileiros, pareceu ter se acostumado a considerar que as relações homossexuais eram as maiores responsáveis pela alta incidência da AIDS, de modo que, para se combater esta “epidemia”, deveria lançar-se mão de estratégias que pudessem conter tal “realidade”, conforme descreve Silva:

“A preocupação em engajar-se no combate à doença fez com que organismos oficiais, tais como o Ministério da Educação e Cultura, passassem a estimular projetos de educação sexual e, em 1996, o MEC incluiu a temática, como tema transversal, nos seus Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, a nova diretriz para a educação no país). (Silva, 2009, p. 187).

No entanto, apesar dos esforços do Ministério da Educação, a medida tornou-se contraproducente, pois a educação sexual ofertada naquele momento apresentou-se como uma maneira de fomentar ainda mais o preconceito contra homossexuais, na medida que os discursos foram se tornando cada vez mais ameaçadores, conforme aponta Trevisan (2000): “Vale notar, contudo, que as condições que possibilitaram a ampliação da discussão sobre a sexualidade também teve o efeito de aproximá-la das ideias de risco e ameaça, colocando em segundo plano sua associação ao prazer e à vida” (Silva, 2009, p. 187).

Observa-se, entretanto, um dispositivo semelhante àqueles retratados por Foucault (1997), quando se refere aos métodos inquisidores da Igreja, em que se pode verificar uma similitude à proposta de educação sexual do Ministério da Educação dos anos finais do século XX, nas palavras de Trevisan: “agora, pretendia-se o exercício de um controle através e em nome da ciência, que a tudo presidia com uma suposta aura de

neutralidade.” (Trevisan, 2000, 174). A questão é que se supõe que boa parcela da geração dos anos 80, anos 90 e anos 2000 poderá ter sido influenciada pelo viés da patologização da homossexualidade, por meio de discursos que culminariam em uma educação sexual informal. Para Figueiró (1999), a educação sexual informal ocorre no cotidiano, sem intenção de ensinar, porém influenciando o indivíduo por meio da cultura da qual o mesmo encontra-se inserido:

“Todas as pessoas vão influenciando a criança, desde o nascimento, ao longo de toda a sua vida, na formação de suas ideias e valores sobre corpo, abraço, beijo, namoro, relação sexual, carinho, nudez, parto e assim por diante. De que forma podem exercer esta influência? Através de suas atitudes, falas, comentários, olhares, gestos, silêncios, enfim, de todo seu comportamento verbal e não verbal”. (Figueiró, 1999, p. 3).

Neste sentido, a partir das assertivas acima, pode-se conjecturar que a ideologia higienista faz-se presente de modo mais fluído. Conforme observado na literatura, existiu uma construção histórica que poderá reforçar o estigma contra o homossexual, associando-o ao patológico. Considerando as pesquisas em psicologia cujo tema é a homossexualidade, é necessário verificar, portanto, como se constituiria o discurso dos pesquisadores quando se empenham em pesquisar a homossexualidade.

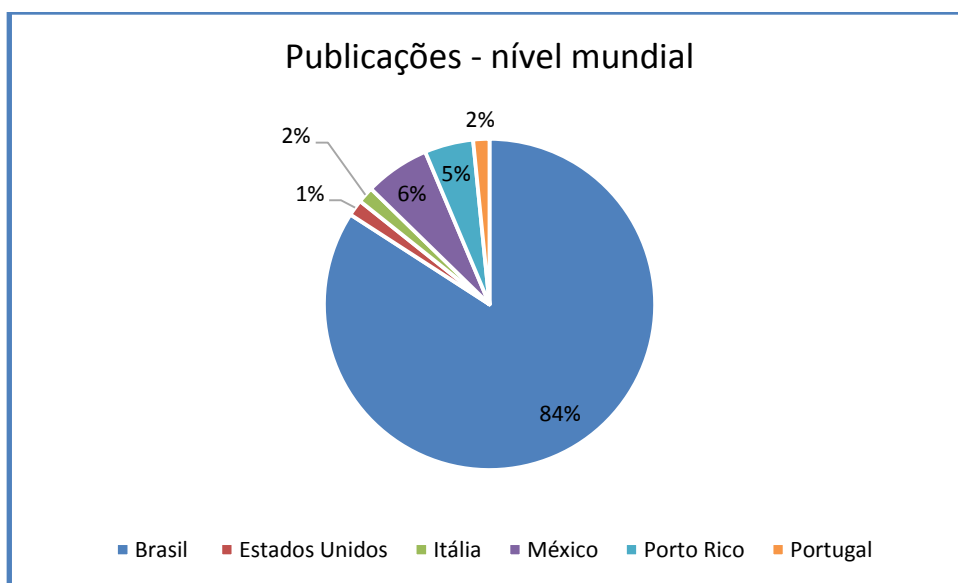
MÉTODO

O desafio que se lança frente ao aprender a investigar implica, de um lado, ter experiência pessoal e, de outro, profissional, o que é ao mesmo tempo instigante, complexo, inquietante e nos obriga a ter certa disciplina de pensamento. Consequentemente, faz-se necessário agir. Nas palavras de Vilelas (2009, p. x – Apresentação) investigar “requer um permanente exercício de introspecção e reflexão acerca de como encarar o conhecimento de um aspecto particular do mundo”. Nesse processo, faz-se presente a liberdade de pensamento, que por sua vez entra em confronto com a metodologia validada e com os rituais típicos da investigação científica. Assim, frente à questão norteadora de uma pesquisa, suas hipóteses e dos objetivos traçados, faz-se uma escolha pelos caminhos investigativos a ser seguidos.

Neste sentido, para a presente pesquisa, os caminhos investigativos nos conduziram à escolha dos estudos bibliográficos. Tais estudos justificam-se por considerar indicadores, livros, artigos e materiais mais recentes, disponibilizados pela rede. Para Vilelas (2009, p. 125), “não existe um caminho preestabelecido para a utilização da informação bibliográfica, mas há uma elevada variedade de estoques e estilos de trabalho”.

Primeiramente, explora-se todo o conjunto de fontes bibliográficas com vistas a conhecer e aprofundar o conhecimento. Em seguida, faz-se uma leitura discriminatória com o objetivo de identificar os aspectos essenciais e proceder a uma revisão dos títulos restantes. No terceiro momento, procede-se à escolha propriamente dita dos dados previamente selecionados, realizando a análise de cada um, discutindo-os à luz dos referenciais teóricos. Por fim, tiram-se as conclusões desses resultados, bem como se procede à elaboração dos pontos de vista relativos à pesquisa, tendo o cuidado necessário em esclarecer a problemática e apresentar as respostas iniciais (VILELAS, 2009).

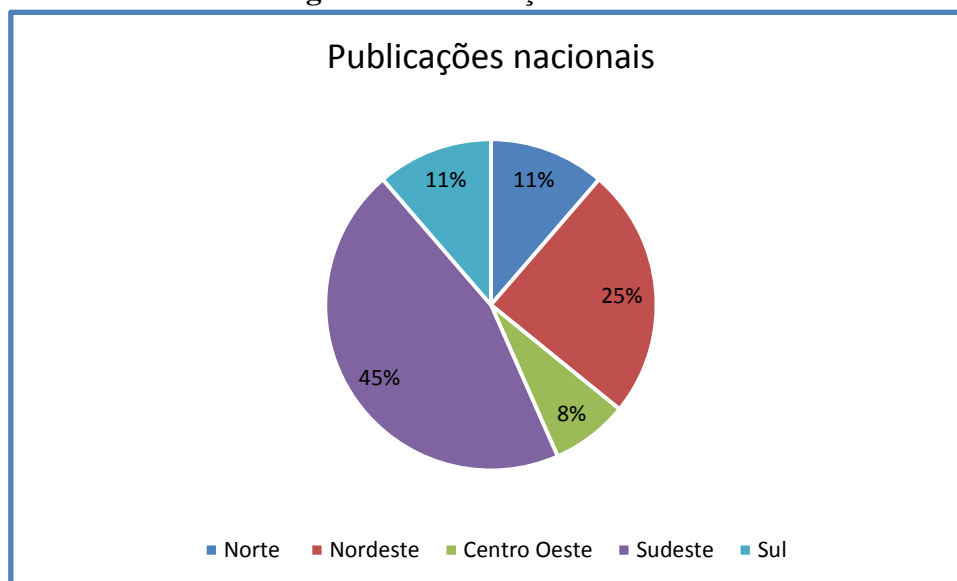
O caminho percorrido se deu por meio da revisão teórica de artigos, resenhas e relatos de experiência, que necessariamente versam sobre a homossexualidade e suas questões. Apenas a título ilustrativo, a figura abaixo demonstra os países de origem em que foram desenvolvidas as pesquisas do portal Pepsi.

Figura 1 – Publicações mundiais

Fonte: Elaboração própria com base no portal PEPSIC.

Conforme se observa no gráfico 1, a maioria dos estudos são provenientes do Brasil, sendo que em outros dois países da América Latina verificou-se uma pequena representatividade. São eles: México (6%), Porto Rico (5%). Nos demais países, ao menos em recorte feito no portal Pepsic, as pesquisas são de menor representatividade, quais sejam: Estados Unidos (1%), Itália (2%) e Portugal (2%), o que revela a necessidade de o portal Pepsic publicar pesquisas desenvolvidas em outras partes do mundo.

Considerando, portanto, a significativa representatividade do Brasil em pesquisas sobre a homossexualidade no portal PePsic, foi elaborado um segundo gráfico em que se ilustra todas os estudos desenvolvidos em solo brasileiro, dividido regionalmente, entre os anos 2007 e 2014:

Figura 2 – Publicações nacionais

Fonte: Elaboração própria com base no portal PEPSIC.

Observa-se, contudo, que a maioria das pesquisas em homossexualidade ocorreu no sudeste brasileiro (45%), seguido do nordeste (25%).

Desta maneira, para se realizar a presente pesquisa, foi utilizado como critério inicial a investigação de todos os periódicos que contemplam o portal PePSIC. Com um recorte entre os anos 2007 a 2014 fez-se a completa investigação a partir dos títulos das produções, em que algumas palavras-chave, fazendo elo com o tema da homossexualidade, foram criteriosamente analisadas, tais como: homossexualidade masculina ou feminina, homoafetividade, homoparentalidade, cura gay, casal gay, entre outros.

O passo seguinte foi a leitura de todos os trabalhos, o que possibilitou a detecção dos aspectos essenciais contidos nos textos (Vilelas, 2009), a fim de identificar a natureza das fontes, ou seja, se é artigo, resenha, relato de experiência ou resumo de dissertação e tese, para finalmente identificar seus autores, apreciar os objetivos, palavras-chave, ano de publicação, o tipo de método utilizado, as considerações finais, e, por fim, identificar a escolha da fundamentação teórica utilizada. Estes dados encontram-se na parte “anexo” da presente pesquisa e servirão de base para esta discussão.

De maneira a ilustrar como se deu a exploração do portal, os quadros a seguir mostram como foram organizados os dados, primeiramente a partir da identificação dos periódicos:

Figura 3- Trabalhos com temáticas relacionadas à homossexualidade no site PePsic

Fonte: Elaborado pelo autor baseado nos dados do site Pepsic

Figura 3 - QUADRO GERAL DOS PERIÓDICOS

Periódico	Mantenedor	Local onde foi realizada pesquisa	Título	Autor (es)	Ano
1. Alethéia	Universidade Luterana do Brasil	Porto Alegre-RS	Experiências de vida e o processo social de mulheres que amam mulheres	PALMA, Y.A.; PIASOM, S.P.; BEZERRA, A.C.M.; STREY, M.N.	2010
2. Alethéia	Universidade Luterana do Brasil	Porto Alegre-RS	Anormais, bárbaros e bárbaras: trajetórias de vida de homossexuais e clínica psicológica	MARQUES, D.M.M.; NARDI, H.C.	2011
3. Arquivos Brasileiros de Psicologia	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Maceió-AL	Transexualidade/travestilidade na literatura: sentidos e significados	SILVA, A.L.; OLIVEIRA, A.A.S.	2013
4. Arquivos Brasileiros de Psicologia	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Assis, SP	Homofobia familiar: abrindo o armário “entre quatro paredes”	TOLEDO, L.J.; TEIXEIRA FILHO, F.S	2013
5. Avaliação Psicológica	Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica	São Paulo -SP	Desafios de orientação sexual na infância – resenha	SILVA, M.C.R.	2007

QUADRO GERAL DOS PERIÓDICOS (CONT.)

Periódico	Mantenedor	Local onde foi realizada pesquisa	Título	Autor (es)	Ano
6. Revista Psicologia e Saúde	Universidade Católica Dom Bosco	Campo Grande-MS	Desvinculação da experiência transexual do diagnóstico psicanalítico de psicose.	COSSI, R.K.	2014
7. Temas em Psicologia	Sociedade Brasileira de Psicologia	Recife-PE	O desafio histórico de “tornar-se um homem homossexual”: um exercício de construções de identidades.	GUIMARÃES, A.F.P.	2009
8. Temas em Psicologia	Sociedade Brasileira de Psicologia	Recife-PE	Desigualdades estruturais, saúde de jovens LGBT e lacunas de conhecimento: que sabemos e que perguntamos?	PECHENY, M.	2013
9. Temas em Psicologia	Sociedade Brasileira de Psicologia	Recife-PE	Homossexualidade, juventude e vulnerabilidade ao HIV/AIDS no candomblé fluminense	RIOS, L.F.	2013
10. Tempo Psicanalítico	Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle	Rio de Janeiro – RJ	Casar, filiar, procriar: reivindicações na homossexualidade masculina	FERRARI, I.F., ANDRADE, M.R.M.	2011
11. Revista da SBPH	Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar	Londrina-PR	A demanda transexual na cena hospitalar: o lugar do psicanalista	ELIAS, V.A.	2010

QUADRO GERAL DOS PERIÓDICOS (CONT.)

PERIÓDICO	MANTENEDOR	LOCAL	TÍTULO	AUTORES	ANO
12. Estudos de Psicanálise	Círculo Brasileiro de Psicanálise. Círculo Psicanalítico de Minas Gerais	Salvador-BA	Transamérica: na encruzilhada da sexuação	MONTEIRO, M.P.	2009
13. Estudos de Psicanálise	Círculo Brasileiro de Psicanálise. Círculo Psicanalítico de Minas Gerais	Feira de Santana-BA	Ponderações sobre a feminilidade na condição travesti	HOENISCH, J.C.D., PACHECO, P.J.	2012
14. Estudos e Pesquisas em Psicologia	Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia	Assis-SP	Lesbianidades e as referências legitimadoras da sexualidade	TOLEDO, L.G., FILHO, F.S.T.	2010
15. IDE : Psicanálise e Cultura	Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo	São Paulo-SP	Psicanálise e Homossexualidade: da apropriação à desapropriação médico – moral. *	MARTINS, E. de S.T., LEITE, R.L., PORTO, T.S., NETTO, O.F.L.	2014
16. Jornal de Psicanálise	Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo	Nova York-EUA	O mistério da homossexualidade	CORBETT, K.	2009
17. Jornal de Psicanálise	Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo	Roma-Itália	Travestismo, Transexualismo, Transgêneros: identificação e imitação	ARGENTIERI, S.	2009

QUADRO GERAL DOS PERIÓDICOS (CONT.)

PERIÓDICO	MANTENEDOR	LOCAL	TÍTULO	AUTORES	ANO
18. Psicologia em Revista	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Instituto de Psicologia. Pró-Reitoria de Extensão	Belo Horizonte – MG	Atualidade Clínica da Homossexualidade Masculina: solução ou escolha de objeto	SANTIAGO, J.	2007
19. Psicologia em Revista	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Instituto de Psicologia. Pró-Reitoria de Extensão	Juiz de Fora-MG	Reivindicações dos homossexuais masculinos nas vicissitudes da época do Outro que não existe (resumo de dissertação)	ANDRADE, M.R.M.	2009
20. Psicologia em Revista	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Instituto de Psicologia. Pró-Reitoria de Extensão	Aracaju-SE	Enfrentamento, <i>locus</i> de controle e preconceito: um estudo com pessoas de orientação sexual homoafetiva	SANTOS, A.F., SANTOS FERNANDES, S.C.	2009
21. Psicologia em Revista	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Instituto de Psicologia. Pró-Reitoria de Extensão	Rio de Janeiro-RJ	Transtornos de identidade de gênero na infância: escritos selecionados (Resenha)	ARREGUY, M.E.	2012
22. Psicologia em Revista	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Instituto de Psicologia. Pró-Reitoria de Extensão	Ribeirão Preto-SP	Famílias homoparentais: tão diferentes assim?	MARTINEZ, A.L.M.	2013
23. Psicologia para América Latina	Unión Latinoamericana de Entidades de Psicología (ULAPSI)	Uberaba-Mg São Paulo-SP	Discursos sobre a aprovação da união estável de homossexuais em um grupo de discussão virtual	SCORSOLINI - COMIN, F.S., SOUZA, L.V., SANTOS, M.A.	2013

QUADRO GERAL DOS PERIÓDICOS (CONT.)

PERIÓDICO	MANTENEDOR	LOCAL	TÍTULO	AUTORES	ANO
24. Revista Puertorriqueña de Psicología	Asociación de Psicología de Puerto Rico	Cidade do México	Medição de Identidade Sexual no México	VERDUZCO, I.L.; DIAZ-LOVING, R.	2010
25. Revista Puertorriqueña de Psicología	Asociación de Psicología de Puerto Rico	Cidade do México	Homofobia e sua relação com a masculinidade hegemônica no México	VERDUZCO, I.L.; SANCHEZ, T.E.R.	2011
26. Revista Puertorriqueña de Psicología	Asociación de Psicología de Puerto Rico	Porto Rico	Gays e lésbicas adolescentes em Porto Rico: processos, efeitos e estratégias	JIMENEZ, M.; BORRERO, N.; NAZARIO, J.A.	2011
27. Revista Puertorriqueña de Psicología	Asociación de Psicología de Puerto Rico	Porto Rico, Cayey	Preconceito e distância social em relação aos homossexuais por estudantes universitários	RODRIGUEZ, M.C.F.; SQUIABRO, J.C.	2014
28. Revista da Abordagem Gestática	Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia	Goiânia-GO	A configuração do significado de família para homossexuais: um estudo fenomenológico	RODRIGUES, M.A.; CARMO, M.	2013
29. Revista Interamericana de Psicología	Sociedad Interamericana de Psicología	Belo Horizonte-MG	Participação política e experiência homossexual: dilemas entre o indivíduo e o coletivo	COSTA, F.A.; MACHADO, F.V.; PRADO, M.A.M.	2008
30. Revista Interamericana de Psicología	Sociedad Interamericana de Psicología	Goiânia-GO	Crença em um mundo justo e preconceitos: o caso dos homossexuais com HIV/AIDS	TORRES, A.R.R.; FARIA, M.R.G.V	2008
31. Alternativas en Psicología	Asociación Mexicana de Alternativas en Psicología	Cidade do México	A paternidade em homens homossexuais: desejos e dificuldades	GREGÓRIO, B.S.; VIDAL, E.C., ESPINOSA, L.B.R.	2012

QUADRO GERAL DOS PERIÓDICOS (CONT.)

PERIÓDICO	MANTENEDOR	LOCAL	TÍTULO	AUTORES	ANO
32. Barbaroi	Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC	Porto Alegre-RS	Coesão e adaptabilidade conjugal em homens e mulheres hetero e homossexuais	MOSMANN, C.P.; LOMANDO, E., WAGNER, A.	2010
33. Barbaroi	Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC	Belém do Pará-PA	Delegacia e defensoria pública no combate à homofobia em Belém do Pará	NASCIMENTO, L.C.S.; PIMENTEL, A.	2011
34. Barbaroi	Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC	Uberaba-MG São Paulo-SP	Insensatos afetos: homossexualidade e homofobia na telenovela brasileira	SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTO, M.A.	2012
35. Cuadernos de Neuropsicología	Neuropsicologia.cl	Portugal	Os resultados da bateria neuropsicológica Luria-Nebraska de Portugal em amostra heterossexual e homossexual	ANDRADE, A.A.S.; MAIA, L.A.C.R.	2013
36. Eureka (Asunción) en Línea	Universidad Católica de Asunción, Facultad de Filosofía y Ciencias Humanas	Porto Rico	O significado da experiência de aceitação da orientação homossexual na memória de um grupo de homens adultos portoriquenhos	GUARDARRAMA, J.G.; ALFONSO, J.T.	2012
37. Psicologia – Teoria e Prática	Universidade Presbiteriana Mackenzie	Porto Alegre-RS	Coesão, adaptabilidade e rede social no relacionamento conjugal homossexual	LOMANDO,E.; WAGNER, A.; GONÇALVES, J.	2011
38. Revista Brasileira de Psicodrama	Federação Brasileira de Psicodrama	São Paulo-SP	Famílias homoafetivas	FRANÇA, M.R.C.	2009

QUADRO GERAL DOS PERIÓDICOS (CONT.)

PERIÓDICO	MANTENEDOR	LOCAL	TÍTULO	AUTORES	ANO
39. Revista EPOS: Genealogia, Subjetivações e Violências	Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social	Florianópolis – SC	As produções discursivas sobre a homossexualidade e a construção da homofobia: problematizações necessárias à psicologia *	SANTOS, D.K.	2013
40. Revista EPOS: Genealogia, Subjetivações e Violências	Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social	Aracaju-SE	Sexualidade e perversão entre o homossexual e o transgênero: notas sobre psicanálise e teoria <i>Queer</i>	CUNHA, E.L.	2013

QUADRO GERAL DOS PERIÓDICOS (CONT.)

PERIÓDICO	MANTENEDOR	LOCAL	TÍTULO	AUTORES	ANO
41. Psicologia Política	Sociedade Brasileira de Psicologia Política	Brasília-DF	Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual	LIONÇO, T.; DINIZ, D.	2008
42. Psicologia Política	Sociedade Brasileira de Psicologia Política	João Pessoa-PB	Análise Psicossocial das Visões de Ativistas LGBTs sobre Família e Conjugalidade	GOUVEIA, R.; CAMINO, L.	2009
43. Psicologia Política	Sociedade Brasileira de Psicologia Política	São Paulo-SP	Luta, resistência e cidadania: uma análise psicopolítica dos Movimentos e Paradas do Orgulho LGBT (Resenha)	ALMEIDA, M.A.B.	2009
44. Psicologia Política	Sociedade Brasileira de Psicologia Política	Rio de Janeiro-RJ	Políticas do desejo na atualidade: a psicanálise e a homoparentalidade	ARAN, M.	2011
45. Psicologia Política	Sociedade Brasileira de Psicologia Política	São Paulo-SP	Banheiros, travestis, relações de gênero e diferenças no cotidiano da escola	CRUZ, E.F.	2011
46. Psicologia Política	Sociedade Brasileira de Psicologia Política	Lima – Peru	Analisando o preconceito: bases ideológicas do racismo, do sexismo e da homofobia em uma amostra de habitantes da cidade de Lima - Peru.	ROTTENBACHER, J.M.; ESPINOSA, A.; MAGALLANES, M	2011

QUADRO GERAL DOS PERIÓDICOS (CONT.)

36

PERIÓDICO	MANTENEDOR	LOCAL	TÍTULO	AUTORES	ANO
47. Trivium – Estudos Interdisciplinares Psicanálise e Cultura	Universidade Veiga Almeida	Rio de Janeiro – Brasil	Alguns pontos importantes do travestismo para a psicanálise (Dissertação)	FIGUEIREDO, D.D.	2011
48. Vínculo – Revista do NESME	Núcleo em Saúde Mental e Psicanálise das Configurações Vinculares	São Paulo – Brasil	Um estudo sobre o exercício da parentalidade em contexto homoparental	RODRIGUEZ, B.C.; PAIVA, M.L.S.C.	2009
49. Revista do NUFEN	Universidade Federal do Pará. Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas	Fortaleza-CE	Corpos intersex borrando fronteiras do discurso médico	MELLO, R.P.; SAMPAIO, J.P.	2012
50. Revista do NUFEN	Universidade Federal do Pará. Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas	Belém do Pará-Pa	Entretecendo diálogo entre homossexualidade e velhice: notas analítico-interpretativas acerca do envelhecimento gay	WLADIRSON, C.; CHAVES, E.	2012
51. Revista do NUFEN	Universidade Federal do Pará. Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas	Belém do Pará-Pa	Digressões homossexuais notas antropológicas sobre coming out, Ethos LGBT e Bajubá em Belém – PA	SILVA FILHO, M.R.; RODRIGUES, C.I.	2012
52. Revista do NUFEN	Universidade Federal do Pará. Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas	Belém do Pará-Pa	De Kant a Mouffe: Desenvolvendo argumentos positivos acerca do reconhecimento de "famílias homoafetivas" pelo judiciário brasileiro	NINA, A.M.S.; SOUZA, C.A.S.	2012
53. Revista do NUFEN	Universidade Federal do Pará. Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas	Belém do Pará-Pa	Eu tenho medo de ficar afeminado: performances e convenções corporais de gênero em espaços de sociabilidade homossexual	REIS, R.P.	2012
54. Revista do NUFEN	Universidade Federal do Pará. Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas	Belém do Pará-Pa	Antropologia do envelhecimento gay - experiências e vivências cotidianas de um grupo de quatro migos homossexuais em processo de envelhecêcia.	CARDOSO, W.; CHAVES, E.	2014

QUADRO GERAL DOS PERIÓDICOS (CONT.)

PERIÓDICO	MANTENEDOR	LOCAL	TÍTULO	AUTORES	ANO
55. SMAD: Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas	Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto	Ribeirão Preto-SP	Grupo de pais de jovens homossexuais	SANTOS, M.A.; BROCHADO JÚNIOR, J.R.; MOSCHETA, M.S.	2007
56. Salud e Sociedad: Investigaciones em Psicología de la Salud y Psicología Social	Universidad Catolica del Norte, Universidad de Talca y la Universidad de Tarapacá.	Cidade do México	As propriedades psicométricas da escala de avaliação de exteriorização da homofobia em estudantes mexicanos de ciências da saúde	RUBIA, J.M. de LA; O, A.V.de LA	2013
57. Psyqué – Revista de Psicanálise	Centro de Estudos e Pesquisa em Psicanálise da Universidade São Marcos	Rio de Janeiro-RJ	O que os analistas pensam sobre a homossexualidade?	MAYA, A.	2007
58. Revista Mal Estar e Subjetividade	Universidade de Fortaleza	João Pessoa-PB	A visibilidade do suposto passivo: uma atitude revolucionária do homossexual masculino	SILVA, V.G.	2007
59. Revista Mal Estar e Subjetividade	Universidade de Fortaleza	Recife-PE	As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana	VIEIRA, L.L.F.	2009
60. Revista Mal Estar e Subjetividade	Universidade de Fortaleza	Juiz de Fora-MG Belo Horizonte-MG	Legitimação do laço homossexual: um acolhimento possível na realidade social da hipermodernidade	ANDRADE, M.R.M; FERRARI, I.F.	2009
61. Revista Mal Estar e Subjetividade	Universidade de Fortaleza	São Paulo-SP	Curar a Homossexualidade?: a psicopatologia prática do DSM no Brasil	DUNKER, C.I.L.; KYRILLOS NETO, F.	2010
62. Revista Mal Estar e Subjetividade	Universidade de Fortaleza	Fortaleza-CE	O homoerotismo masculino e o seu grupo familiar	GURGEL, J.J.R.; BUCHER-MALUSCHKE, J,S.N.F.	2010
63. Revista Mal Estar e Subjetividade	Universidade de Fortaleza	Juiz de Fora-MG	Homossexualidade e deficiência mental: jogos discursivos e de poder na construção dessas identidades no contexto escolar	FERRARI, A.; MARQUES, L.P.	2010
64. Revista Mal Estar e Subjetividade	Universidade de Fortaleza	Toronto-Canadá Rio de Janeiro-RJ	Que família?: provocações a partir da homoparentalidade	VILHENA, J.	2011

De posse de uma amostra pela qual se identificam os periódicos, bem como as principais informações dos trabalhos que os compõem, elaboramos algumas categorias de acordo com temáticas afins. Desta maneira começa-se a se formar uma identidade teórica a partir destas categorias, cujo objetivo será realizar uma melhor averiguação dos assuntos sobre a homossexualidade, conforme demonstra a figura 1, seguido do quadro 2:

Figura 4 – Categorias de análise

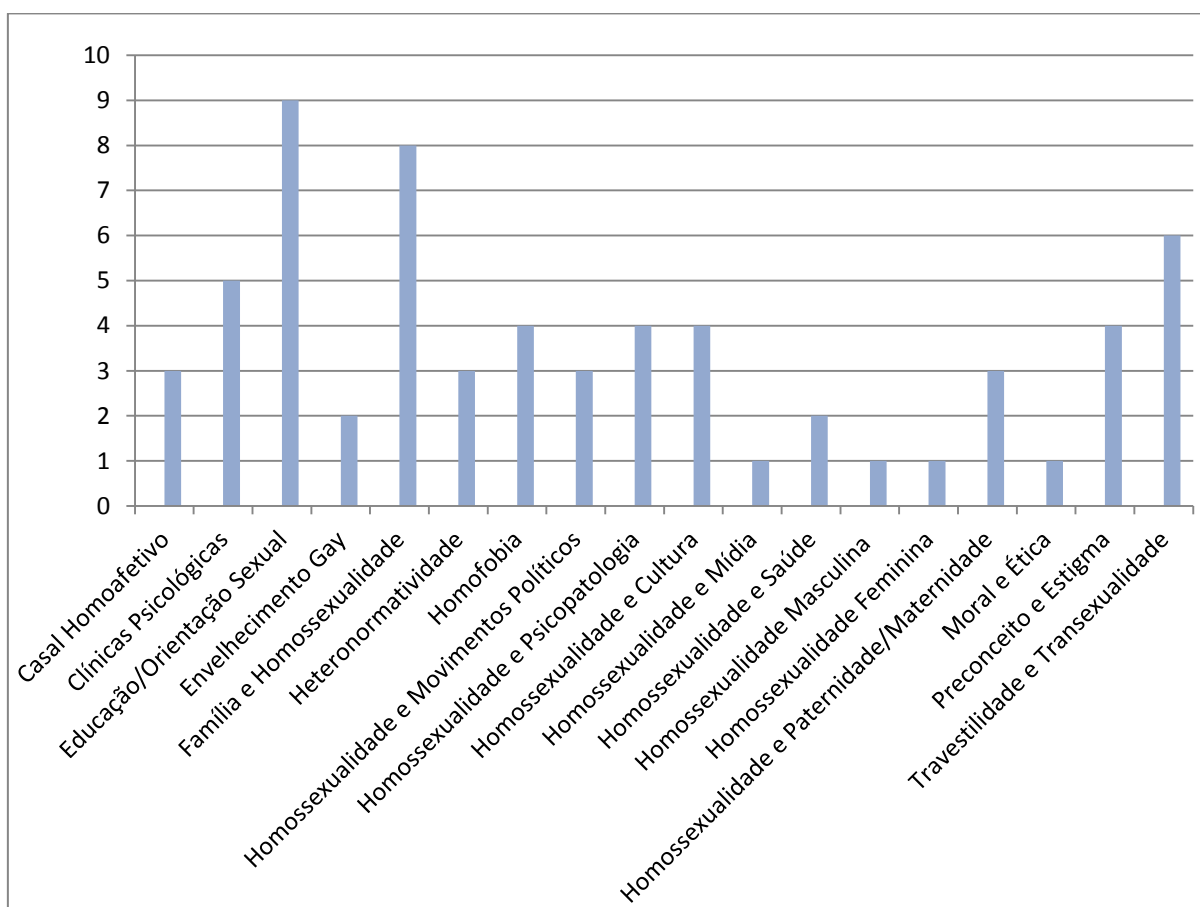


Figura 4- Categorias de análise de acordo com as publicações

Categorias	Trabalhos
Clínicas Psicológicas	Anormais, bárbaros e bárbaras: trajetórias de vida de homossexuais e clínica psicológica
	Desvinculação da experiência transexual do diagnóstico psicanalítico da psicose
	O desafio histórico de “tornar-se um homem homossexual”: um exercício de construção de identidades
	Psicanálise e homossexualidade: da apropriação à desapropriação médico-moral
	Atualidade clínica da homossexualidade masculina: solução ou escolha de objeto
Homossexualidade e Psicopatologia	Sexualidade e perversão entre o homossexual e o transgênero: notas sobre psicanálise e teoria Queer
	O que os psicanalista pensam sobre a homossexualidade?
	As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana
	Curar a homossexualidade? A psicopatologia prática do DSM no Brasil
Homossexualidade e Saúde	Desigualdades estruturais: saúde de jovens LGBT e lacunas de conhecimento: o que sabemos e o que perguntamos?
	Homossexualidade, juventude e vulnerabilidade ao HIV/AIDS no candomblé fluminense
Homossexualidade e Cultura	A homofobia e sua relação com a masculinidade hegemônica no México
	Legitimação do laço homossexual: um acolhimento possível na realidade social da hipermodernidade
	Digressões homossexuais notas antropológicas sobre coming out, <i>ethos</i> corporal, e bajubá em Belém-PA
	“Eu tenho medo de ficar afeminado”: performances e convenções corporais de gênero em espaços de sociabilidade homossexual
Homossexualidade e Mídia	Insensatos afetos: homossexualidade e homofobia na telenovela brasileira

Categorias	Trabalhos
Preconceito, Estigma e Homofobia	Enfrentamento, <i>locus</i> de controle e preconceito: um estudo com pessoas de orientação homoafetiva.
	Preconceito e distância social por estudantes universitários em relação aos homossexuais.
	Crença em um mundo justo e preconceitos: o caso dos homossexuais com HIV/AIDS.
	Delegacia e defensoria pública no combate à homofobia em Belém do Pará.
	As produções discursivas sobre a homossexualidade e a construção da homofobia: problematizações à psicologia.
	Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual.
	Analisando o preconceito: bases ideológicas do racismo, do sexismo e da homofobia em uma amostra de habitantes da cidade de Lima-Peru.
	As propriedades psicométricas da escala de avaliação de exteriorização da homofobia em estudantes de ciências da saúde.
Heteronormatividade	Lesbianidades e as referências legitimadoras da sexualidade.
	Políticas do desejo na atualidade: a psicanálise e a homoparentalidade.
	Corpos intersex borrando fronteiras do discurso médico.
Educação sexual e orientação sexual	Desafios da orientação sexual na infância. (Resenha)
	O mistério da homossexualidade.
	Transtornos da identidade de gênero na infância: escritos selecionados. (Resenha)
	Medição da identidade sexual no México.
	Gays e lésbicas adolescentes em Porto Rico: processos, efeitos e estratégias.
	Os resultados da bateria neuropsicológica Luria-Nebraska de Portugal em amostra heterossexual e homossexual.
	O significado da experiência de aceitação da orientação homossexual na memória de um grupo de homens adultos porto-riquenhos.
	Banheiros, travestis, relações de gênero e diferenças no cotidiano da escola.
	Homossexualidade e deficiência mental: jogos discursivos e de poder na construção dessas identidades no contexto escolar.
Homossexualidade e gênero	Experiências de vida e os processos de visibilidade social de mulheres que amam mulheres.
	A visibilidade do suposto passivo: uma atitude revolucionária do homossexual masculino.

Categorias	Trabalho
Casal Homoafetivo	Discursos sobre aprovação da união estável de homossexuais em um grupo de discussão virtual.
	Coesão e adaptabilidade conjugal em homens e mulheres hetero e homossexuais
	Coesão, adaptabilidade e rede social no relacionamento conjugal homossexual
Vivência Paterna e Materna na Homossexualidade	Casar, filiar, procriar: reivindicações na homossexualidade masculina
	A paternidade em homens homossexuais: desejos e dificuldades
	Grupo de pais de jovens homossexuais
Família e Homossexualidade	Homofobia familiar: abrindo o armário “entre quatro paredes”
	Famílias homoparentais: tão diferentes assim?
	A configuração do significado de família para homossexuais: um estudo fenomenológico
	Famílias homoafetivas
	Um estudo sobre o exercício da parentalidade em contexto homoparental
	De Kant a Mouffe: desenvolvendo argumentos positivos do reconhecimento de “famílias homoafetivas” pelo judiciário
	O homoerotismo masculino e o seu grupo familiar
	Que família? Provocações a partir da homoparentalidade
Homossexualidade e Movimentos Políticos	Reivindicações dos homossexuais masculinos nas vicissitudes da época do Outro que não existe (Resumo de dissertação)
	Participação política e experiência homossexual: dilemas entre o indivíduo e o coletivo
	Análise psicossocial das visões de ativistas LGBTs sobre família e conjugalidade
	Luta, resistência e cidadania: uma análise psicopolítica dos movimentos e paradas do orgulho LGBT (Resenha)

Categorias	Trabalho
Travestilidade e Transexualidade	Transexualidade/travestilidade na literatura brasileira: sentidos e significados
	A demanda transexual na cena hospitalar: o lugar do psicanalista
	Tansamérica: na encruzilhada da sexuação
	Ponderações sobre a feminilidade na condição travesti
	Travestismo, transexualismo, transgêneros: identificação e imitação
	Alguns pontos importantes do travestismo para a psicanálise (Resumo de dissertação)
Homossexualidade e Envelhecimento	Entretecendo diálogo entre homossexualidade e velhice: notas analítico-interpretativas acerca do envelhecimento gay
	Antropologia do envelhecimento gay: experiências e vivências de um grupo de quatro amigos homossexuais em processo de envelhecêcia

Contudo, pensando em se obter uma melhor discussão posteriormente acerca dos dados encontrados, bem como organizar a estrutura dos conteúdos dos mesmos, a fim de fazer análises que correspondam às questões desta pesquisa, foi por fim necessário, a partir das categorias, desenvolver cinco eixos teóricos, de maneira a limitar uma possível dispersão temática, como mostra abaixo o quadro 3:

Figura 6 - Construção de eixos teóricos a partir das categorias

Categorias	Eixos Temáticos
1. Clínicas Psicológicas 2. Homossexualidade e Psicopatologia 3. Homossexualidade e Saúde	Clínicas e Saúde
4. Homossexualidade e Cultura 5. Homossexualidade e Mídia	Cultura e Sociedade
6. Educação e Orientação Sexual 7. Preconceito, Estigma e Homofobia 8. Heteronormatividade	Construções Sociais e Pedagógicas
9. Homossexualidade e Gênero 10. Família e Homossexualidade 11. Casal Homoafetivo 12. Vivência Paterna e Materna na Hoossexualidade	Conjugalidade e Família
13. Homossexualidade e Movimentos Sociais 14. Travestilidade e Transexualidade 15. Homossexualidade e Envelhecimento	Políticas e Direitos

Neste sentido, estes eixos têm por função oferecer nichos teóricos ao leitor, por meio dos quais serão ambientadas as diversas temáticas da homossexualidade. A fim de se discutir os resultados encontrados, acredita-se que este critério possibilitará possíveis diálogos teóricos e metodológicos entre os mesmos. Abaixo estão os quadros contendo os eixos teóricos, as categorias, e os títulos das produções. Realizou-se a análise seguida de cada quadro, bem como a discussão de cada eixo teórico:

Figura 7: Eixo teórico 1 - Clínicas e Saúde

Eixo Teórico 1	Categorias	Título
Clínicas e Saúde	Clínicas Psicológicas	Anormais, bárbaros e bárbaras: trajetórias de vida de homossexuais e clínica psicológica.
		Desvinculação da experiência transexual do diagnóstico psicanalítico de psicose
		O desafio histórico de “tornar-se um homem homossexual”: um exercício de construção de identidades.
		Psicanálise e homossexualidade: da apropriação à desapropriação médico-moral.
		Atualidade clínica da homossexualidade masculina: solução ou escolha de objeto.
	Homossexualidade e Psicopatologia	Sexualidade e perversão entre o homossexual e o transgênero: notas sobre psicanálise e teoria Queer.
		O que os analistas pensam sobre a homossexualidade?
		As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana.
		Curar a homossexualidade? A psicopatologia prática do DSM no Brasil.
	Homossexualidade e Saúde	Desigualdades estructurales, salud de jóvenes LGBT y lagunas de conocimiento: que sabemos y o qué preguntamos?
		Homossexualidade, juventude e vulnerabilidade ao HIV/AIDS no Candomblé Fluminense.

Este eixo teórico agrupa as produções que versam sobre qual seria o olhar da psicologia clínica a respeito da homossexualidade. Verificou-se, para a seguinte discussão, que a maioria dos artigos questiona as considerações da psicanálise acerca das identidades sexuais relacionadas à psicopatologia. Além disso, verificou-se,

também, que foram utilizados os principais autores da corrente psicanalítica. Dentre os mais conhecidos estão: Sigmund Freud, Jacques Lacan, Elisabeth Roudinesco; também autores pós-estruturalistas, tais como Michel Foucault, Judith Butler, Guacira Lopes Louro, Zigmund Bauman, Deleuze e Guatarri. Vale salientar que esta última relação de autores serviu para fundamentar uma argumentação positiva acerca da desvinculação do homossexual com a patologia, enquanto que a respeito dos da corrente psicanalítica, os argumentos foram negativos. Sendo assim, verifica-se que a maioria dos trabalhos procurou desconstruir aquilo que historicamente algumas correntes teóricas parecem ter construído sobre a figura do/da homossexual anormal, desviante.

Por conseguinte, algumas palavras chave do eixo “Clínicas e Saúde” dão o contorno do assunto que se busca estudar, quais sejam: homossexualidade, psicanálise, sexologia, psicopatologia, clínica psicológica, ética da psicanálise, Freud, adaptabilidade, dentre outras. Já em relação aos caminhos metodológicos utilizados, constatou-se que apenas dois trabalhos fizeram pesquisa de campo, sendo que um lançou mão da análise da trajetória de vida (Marques e Nardi, 2011), e outro utilizou a pesquisa etnográfica seguida de entrevistas (Rios, 2013). Os demais trabalhos do eixo realizaram pesquisa bibliográfica, sendo que oito trabalhos lançaram mão da revisão da literatura e apenas um utilizou estudo de caso.

Em relação ao perfil metodológico traçado para a análise traçada, os trabalhos foram predominantemente teóricos, com metodologia qualitativa, sendo que quatro deles oferecem a perspectiva histórica da homossexualidade acoplada à visão médica, sexológica e psicanalítica. Este eixo teórico demonstra, portanto, que a maioria das produções contidas nele tende a sugerir que tanto a psicologia quanto a psicanálise e a psiquiatria ainda associam aspectos psicopatológicos com a homossexualidade, conforme se analisa a seguinte afirmativa: “as práticas clínicas são marcadas pela heteronormatividade, tornando-se colaboradoras no processo de produção do sujeito homossexual como alguém anormal” (Marques e Nardi, 2011).

Isto talvez se justifique porque a psicanálise, cuja formação se fez por meio do ideal médico-curativo, considera em suas premissas, que o homossexual seria associado sempre como alguém desviante, conforme pontua Silva (2009) ao analisar nota publicada por Freud. Contudo, corroborando o pensamento de Silva a respeito da psicanálise, percebe-se nas teorizações de outro autor, Foucault, que há uma alusão a um mecanismo de domínio, iniciado no século XIX junto ao capitalismo, pelo qual a psicanálise reforçou o discurso de um dispositivo da sexualidade – identificado por Foucault como dispositivo da aliança – em que é construído um sistema de regras cuja característica é a oposição: permitido/proibido, prescrito/ilícito. A fim de se manter a hegemonia sexual da classe burguesa a qual Freud pertencia, a psicanálise, assim como os discursos médicos da sexologia, utiliza do dispositivo da aliança para explicar a homossexualidade como transtorno desviante. (Foucault, 1997)

Sendo assim, outras publicações apontam que a psicanálise, com destaque para a abordagem lacaniana, parece reduzir o fenômeno transexual ao diagnóstico da psicose

(Cossi, 2014). Em outro trabalho, por sua vez, ficou patente a tendência de a psicanálise sugerir que a homossexualidade seria um desvio da heterossexualidade, em decorrência ao ideal médico-curativo (Maya, 2007).

A considerar a dificuldade por parte dos psicanalistas em desassociar homossexualidade e psicopatologia, fizemos uma análise mais acurada do artigo - *O que os psicanalistas pensam sobre a homossexualidade?* – (Maya, 2007). Assim, constatamos neste artigo em específico que apenas dois psicanalistas da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, instituição que serviu de base para a realização da pesquisa, aproximam a homossexualidade à livre expressão do desejo, sendo que os demais, ou a maioria, tende a patologizar o indivíduo homossexual, parecendo revelar que há uma tendência, ao menos em parte, da comunidade psicanalítica de distinguir diversas noções de homossexualidade, para reforçar sobremaneira o estigma de anormalidade.

No que tange ao campo social e político, que recaem sobre a prática clínica, foram encontrados posicionamentos alienantes, por parte dos/das psicólogos/as, sobre as questões da homossexualidade referente a reivindicações dos movimentos LGBTs, nas quais a psicologia parece ignorar a luta histórica dos homossexuais (Guimarães, 2009). Verificou-se, ainda, na interlocução entre psicologia e debates onde há possibilidade de desconstruções ideológicas, que tanto a psicologia quanto a psicanálise necessitam rever suas “verdades” no campo da diversidade sexual, quando confrontada pela “recusa queer à qualquer patologização das práticas corporais e sexuais que transgridem a norma heterossexual”. (Cunha, 2013).

Existe, segundo outro artigo analisado, um silenciar por parte da psiquiatria e da psicanálise sobre as questões da homossexualidade, relegando-a ao campo do patológico. Sugere-se, portanto, a existência da homofobia velada por parte dos psicólogos e psicanalistas. (Martins, Leite, Porto, Netto, 2014.) Ademais, ficou constatado ainda que o psicanalista não “desangustia o sujeito pela via da desculpabilização”. Ao contrário, este profissional parece culpabilizar o/a homossexual pela sua sexualidade. (Santiago, 2007), conforme reforça outro artigo encontrado, que identifica a fragilidade do DSM nas questões diversidade sexual:

Conclui-se que apesar de o DSM negar que existem instâncias transcendentais às quais se pode recorrer no que diz respeito aos fenômenos ligados ao sofrimento dos sujeitos, em acordo com sua proposta convencionalista e nominalista, as classificações científicas que este instrumento expressa mostram grande fragilidade no que tange as questões de poder, particularmente no entendimento das relações de gênero, e da sexualidade em sua relação com a formação de sintomas. (Andrade e Ferrari, 2009).

No que tange à saúde física do/da homossexual, apenas dois artigos analisados constataam que a homossexualidade ainda é considerada com ressalvas pelos profissionais das ciências da saúde. (Pecheny, 2013; Rios, 2013). Entretanto, estas publicações se aproximam diretamente das questões sociais. Um vincula homossexualidade com desigualdade social a partir de questionamentos da saúde de jovens LGBT (Pecheny, 2013) e outro procura compreender a maior ou menor suscetibilidade ao HIV em jovens, em determinada comunidade religiosa (Rios, 2013). Sendo assim, verifica-se que ambos os artigos levantam questões relacionadas à doença associada à identidade sexual, o que faz pensar que esses artigos estariam reproduzindo, ainda que implicitamente, a existência de grupos de risco, tão cultuados pela sociedade nas últimas décadas do século XX (Trevisan, 2000).

Com exceção dos dois artigos citados no parágrafo acima, a análise e discussão dos trabalhos do eixo “Clínicas e Saúde” parecem fornecer a percepção de que o olhar dos psicólogos, psicanalistas e psiquiatras da contemporaneidade ainda reproduzem as premissas da sexologia de outrora, cuja principal característica era pautada em questionáveis saberes científicos sobre sexualidade, em que se discriminavam pessoas a partir de suas práticas sexuais (Foucault, 1997; Trevisan, 2000; Silva, 2009).

Posto isso, percebe-se ainda uma insistência em classificar em “tipos” os comportamentos sexuais, produzindo atualmente a ideia da homossexualidade cuja historiografia da mesma teria fortes indícios de uma efetiva patologização. (Silva, 2007; Maya, 2007; Guimarães, 2009; Marques e Nardi, 2011; Cossi, 2014).

Figura 8: Eixo teórico 2 – Cultura e Sociedade

Eixo Teórico 2	Categorias	Ref.	Título
Cultura e Sociedade	Homossexualidade e Cultura	25	A homofobia e sua relação com a masculinidade hegemônica no México
		51	Digressões homossexuais: notas antropológicas sobre coming out, <i>ethos</i> LGBT e Bajubá em Belém-Pará.
		53	“Eu tenho medo de ficar afeminado”: performances e convenções corporais de gênero em espaços de sociabilidade homossexual
		61	Legitimação do laço homossexual: um acolhimento possível na realidade social da hipermodernidade
	Homossexualidade e Mídia	34	Insensatos afetos: homossexualidade e homofobia na telenovela brasileira

O segundo eixo teórico, denominado “Cultura e Sociedade” compreende os trabalhos que estruturam a vertente cultural da homossexualidade, cuja representatividade abrange questões que permeiam a socialização do homossexual, tais como: visibilidade social, homofobia ou mesmo a maneira como os homossexuais se inserem e reivindicam seus espaços na sociedade. Neste eixo, os autores mais citados nos trabalhos são: Pierre Bordieu, Michel Foucault, Judith Butler e Guacira Lopes Louro. Os autores da psicanálise também estão presentes, tais como Sigmund Freud, Jacques Lacan, Elisabeth Roudinesco. No entanto, os estudos parecem se pautar, com predominância naqueles autores que se debruçam diretamente nas questões culturais e sociais. Devido a isso desenvolvem uma interface com a diversidade sexual. Assim, ainda que com menos frequência, outros dois importantes autores dialogam com o propósito do referido eixo, tais como: Gilles Lipovetsky e Émile Durkheim. As principais palavras-chave que dão sentido aos textos são: hipermodernidade, discurso capitalista, psicanálise, convenções corporais de gênero, performances, espaços de sociabilidade social, homofobia, homoafetividade, masculinidade hegemônica.

Neste sentido, a maioria dos trabalhos analisa os pormenores sociais aos quais estariam inseridos os homossexuais. Já isto explica as microculturas que dariam atualmente visibilidade ao homossexual tornam-se, nestes trabalhos, os objetos de pesquisa. Ao se referir às possíveis discussões do presente eixo teórico, um estudo procurou, por exemplo, analisar a construção de identidade LGBT e o uso de determinada linguagem (Silva Filho e Rodrigues, 2012), enquanto outro estudo analisa os modos de comportamento em dois espaços de sociabilidade homossexual (Reis, 2012).

Ademais, o que se observa nos objetivos dos trabalhos é a preocupação dos pesquisadores em compreender melhor os espaços sociais ocupados pelos homossexuais, como aponta um artigo que investiga o modo como a temática homossexual tem sido retratada em uma determinada novela brasileira (Scorsolini-Comin e Santos, 2012). Nesta mesma linha de proposta investigativa, encontramos também outro artigo que analisa a “reivindicação dos homossexuais masculinos por legitimação de suas parcerias e a constituição familiar a partir da adoção e da procriação assistida” (Vieira, 2009, p.1145). Já no que se refere à homofobia, questão também da vertente social da homossexualidade, encontramos um trabalho que delimita o olhar analítico da relação entre homofobia e masculinidade (Verduzco e Sánchez, 2010),

Os percursos metodológicos são representados pela diversidade dos métodos, sendo que apenas um dos artigos utilizou a pesquisa do tipo exploratória com metodologia quantitativa por meio da utilização de escalas a fim de quantificar o nível de homofobia na Cidade do México. (Verduzco e Diaz-Loving, 2010). Os demais estudos lançaram mão da análise com metodologia qualitativa, sendo duas pesquisa bibliográficas (Vieira, 2009; Scorsolini-Comin e Santo, 2012) e um estudo do tipo

etnográfico (Silva Filho e Rodrigues, 2012) Outro estudo foi desenvolvido por meio de uma análise exploratória (Reis, 2012).

A análise e discussão das considerações finais dos trabalhos observa que as contribuições desses trabalhos vão em direção aos seus objetivos. Encontramos uma vasta gama de possibilidades pelas quais os homossexuais podem expressar-se socialmente ou, como revela estudo realizado no México, ser alvo de preconceito. Este estudo, cuja metodologia é quantitativa, ilustra essas possibilidades quando se verifica que existem, ao menos no México, aspectos condicionantes de gênero para que a homofobia se manifeste. Pautado na observação dos traços femininos ou traços masculinos, o estudo indica “que quanto mais traços masculinos o homossexual masculino apresentar, mais ocorre a homofobia e, quanto mais traços femininos, menos ocorre a homofobia”. (Veduzco e Sánchez, 2011).

Neste sentido, a publicação analisada remete ao sistema hierárquico apontado por Silva (2009), pelo qual o homossexual seria fruto de uma construção social, onde se denota uma “relação que cada um tem frente aos papéis de gênero, masculino e feminino, ativo e passivo” (Silva, 2009, p. 162). Por sua vez, os estudos qualitativos sugerem possibilidades de conquistas dos homossexuais enquanto sujeitos históricos, sociais e culturais, e como ganham voz por meio dos seus espaços sociais e expressividades culturais, como demonstra o resultado do estudo que verifica a presença da figura do homossexual nas telenovelas brasileiras. Este mesmo estudo revela um cenário de possibilidades de convivência entre as pessoas de um modo geral, conforme o autor aponta, e que se antes a sociedade escondia os homossexuais, hoje em dia há “movimentos que trazem para o domínio familiar dramas anteriormente escamoteados pela dramaturgia” (Scorsolini-Comin e Santo).

Com relação à percepção de que existem peculiaridades nas subjetividades dos homossexuais, contrariando o senso-comum de que “gay é tudo igual”, um estudo analisado neste eixo teórico verificou as diferenças ideológicas entre dois grupos de homossexuais, contribuindo assim para uma visão realista acerca das idiossincrasias que cada sujeito traz internamente quando se pauta na escolha de seus espaços de convívio (Reis, 2012). Na mesma linha de pesquisa, outro estudo verificou a existência de peculiaridades no linguajar dos homossexuais, por meio dos quais eles se identificam para criar o seu próprio espaço sócio cultural (Silva Filho e Rodrigues, 2012), corroborando o estudo feito por Silva quando refere a um coronelismo militante existente entre os representantes LGBT.

Por fim, foi analisado um estudo cuja contribuição enseja reflexões acerca de como os recursos que a ciência oferece fez da família um objeto desejado e consumido. Segundo este estudo, esses recursos causam nos homossexuais a crença de que necessitam perseguir o ideal de família forjado pela cultura. (Andrade e Ferrari, 2009).

Figura 9: Eixo teórico 3 – Construções Sociais e Pedagógicas

Eixo Teórico 3	Categorias	Ref.	Título
Construções Sociais e Pedagógicas	Educação Sexual e Orientação Sexual	5	Desafios da orientação sexual na infância. (Resenha).
		16	O mistério da homossexualidade.
		21	Livro: “Transtornos da identidade de gênero na infância: escritos selecionados”. (Resenha).
		24	Medição da identidade sexual no México
		26	Gays e lésbicas adolescentes em Porto Rico: processos, efeitos e estratégias.
		35	Os resultados da bateria neuropsicológica Luria-Nebraska de Portugal em amostra heterossexual e homossexual.
		36	O significado da experiência de aceitação da orientação homossexual na memória de um grupo de homens adultos porto-riquenhos.
		45	Banheiros, travestis, relações de gênero e diferenças no cotidiano da escola.
		63	Homossexualidade e deficiência mental: jogos discursivos e de poder na construção dessas identidades no contexto escolar.
	Preconceito, Estigma e Homofobia	20	Enfrentamento, <i>locus</i> de controle e preconceito: um estudo com pessoas de orientação sexual homoafetiva.
		27	Preconceito e distância social por estudantes universitários em relação aos homossexuais.
		30	Crença em um mundo justo e preconceitos: o caso dos homossexuais com HIV/AIDS.
		33	Delegacia e Defensoria Pública no combate à homofobia em Belém do Pará.
		39	As produções discursivas sobre a homossexualidade e a construção da homofobia: problematizações necessárias à psicologia.
		41	Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual.
		46	Analisando o preconceito: bases ideológicas do racismo, do sexismo e da homofobia em uma amostra da cidade de Lima-Peru.
		56	As propriedades psicométricas da escala de avaliação de exteriorização da homofobia em estudantes de ciências da saúde.
	Heteronormatividade	14	Lesbianidades e as referências legitimadoras da sexualidade.
		44	Políticas do desejo na atualidade: a psicanálise e a homparentalidade.
		49	Corpos intersx borrando fronteiras do discurso médico.

Para a elaboração do eixo teórico “Construções Sociais e Pedagógicas” usou-se como critério a seleção das categorias que compunham trabalhos voltados para as questões de pesquisa que abordasse como seriam construídas socialmente as discriminações contra o indivíduo homossexual, tais como homofobia e condutas heteronormativas. Além disso, o eixo discute também o contexto pedagógico, no sentido de averiguar como se dá o desenvolvimento do homossexual durante a infância e a adolescência por meio do cenário escolar. Os principais autores que norteiam os trabalhos acerca das questões sociais que envolvem a sexualidade são: Judith Butler, Michel Foucault, Pierre Bourdieu, Alfred Kinsey, Guacira Lopes Louro e Stuart Hall. O estudo desses autores oferecem oportunidade aos pesquisadores de compor pesquisas aprofundadas sobre a homossexualidade e o preconceito.

Verificou-se, também, que a Psicologia Social esteve presente neste eixo, representada pelos autores Serge Moscovici, Gilles Deleuze, Erik Erikson, Robert Stoller. Outros autores, por sua vez, oferecem ao leitor a perspectiva do desenvolvimento psicológico a partir das tramas sociais, tais como: Sigmund Freud, Jacques Lacan, Donald Winnicott e John Bowlby.

As principais palavras-chave selecionadas são: diferença sexual, identidade de gênero, diversidade sexual, orientação sexual, travesti, discurso, distanciamento social, psicologia, dispositivos da sexualidade, heteronormatividade, homonegatividade, dominância social, neuropsicologia, domínio psicopatológico, cotidiano na escola, identidades Trans, sexualidade infantil, infância, adolescência, livro didático. Estas palavras ajudam a garantir coerência à presente análise.

Sendo assim, trata-se de um eixo que sinaliza a preocupação dos pesquisadores em conhecer as diversas problemáticas que envolvem o universo homossexual. No que tange as questões pedagógicas e ambientação escolar, conforme sinaliza a categoria *educação sexual e orientação sexual*, identificamos um estudo que traz à luz questionamentos acerca do uso do banheiro escolar por alunos travestis em cenário escolar (Cruz, 2011). Também foi identificado um artigo que investiga os processos de exclusão estabelecidos na sociedade e nas escolas que envolvem o aluno homossexual que apresenta deficiência intelectual (Gulgel e Bucher-Maluschke, 2010). Ainda em contexto escolar, outro estudo analisou a qualidade discursiva de uma amostra de livros didáticos em uso nas escolas públicas, distribuídos a partir do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM), bem como dicionários distribuídos pelo PNLD e Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) (Lionço e Diniz, 2008). No Brasil, pesquisadores da educação sexual vêm colaborando com a temática a fim de mitigar as questões do preconceito encontradas em ambiente escolar (Figueiró, 1999; Ribeiro, 2004, Leão, 2009)

Outro trabalho, em formato de resenha, analisa os capítulos do livro “Sexualidade começa na Infância”, em que trata da orientação sexual direcionada às

crianças (Silva, 2007). Também encontramos trabalhos cujo objetivo era conhecer as questões da homossexualidade do adolescente e refletir sobre elas em variados contextos, tais como medição da identidade sexual (Verduzco e Diaz-Loving, 2010), condição neuropsicológica comparada entre adolescentes homossexuais e heterossexuais (Andrade e Maia, 2013), e impacto no desenvolvimento psicológico nos adolescentes quando necessita revelar sua identidade sexual (Jimenez e Borrero, 2011).

Já com relação à orientação sexual em adultos, um estudo descreve a significação atribuída à experiência de um grupo de 12 homens homossexuais adultos entre 41 a 59 anos (Guardarrama e Afonso, 2012). Outros dois estudos desta categoria se destacam pelo desenvolvimento do homossexual a partir da psicanálise, como aponta a resenha do livro “Transtornos de gênero na infância: escritos selecionados”, no qual são investigados os critérios utilizados pelo autor do livro para justificar a visão médica acerca da homossexualidade na infância. (Arreguy, 2012). Outro estudo, por sua vez, propõe a discussão acerca da volta ao mistério da homossexualidade. Baseado nas premissas de Sigmund Freud, este estudo objetiva conhecer o olhar da psicanálise freudiana quando faz referência à homossexualidade, de modo que se possa aprender sobre ela, mas também sobre os gêneros masculino e feminino associados com os aspectos do inconsciente.

A categoria “preconceito, estigma e homofobia” contempla os trabalhos que versam diretamente sobre as questões do preconceito sexual. Foi analisado, por exemplo, o grupo de trabalho condizente à questão de pesquisa, através do qual se investiga o *locus* de controle interno e externo do homossexual (Santos e Fernandes, 2009), as atitudes de rejeição contra homossexuais em contexto universitário (Rodrigues e Squiabro, 2014), o preconceito contra homossexuais portadores de HIV/AIDS (Torres e Faria, 2008), as instituições de defesa contra homofobia (Nascimento e Pimentel, 2011), as problematizações sobre enunciados que reforçam um ideal regulatório heterossexual (Santos, 2013), a ideologia política e manifestações de preconceito (Rottenbacher, Espinosa e Magallanes, 2011), e a quantificação da homofobia em escalas (Rubia, 2013).

As questões que tratam do preconceito a partir da roupagem da heteronormatividade mostram como o sistema heteronormativo naturaliza a masculinidade aos homens e a feminilidade às mulheres, legitimando os discursos sobre a figura da lésbica a partir do referencial da heterossexualidade (Toledo, 2010). Propõe também a reflexão sobre os argumentos psicanalíticos que procuram reinstaurar a heteronormatividade, principalmente através de noções tais como “diferenças dos sexos” e “dupla referência identitária” (Aran, 2011), bem como analisa de que modo a concepção do corpo normal, pautado no saber médico biologicista, gerencia os corpos dos homossexuais (Mello e Sampaio, 2012). Aqui, as assertivas por ora estudadas encontram apoio na teoria de Michel Foucault que, a partir da descrição dos discursos sobre sexo, constrói a teoria sobre a lógica de poder de controle sobre os corpos (Foucault, 1997).

Os caminhos metodológicos que os autores lançam mão foram são, em sua maioria, pesquisas bibliográficas com metodologia qualitativa (Corbett, 2009; Arreguy, 2012; Jimenez, Borreo e Nazario, 2011; Guardarrama e Alfonso, 2012; Cruz, 2011; Gurgel e Bucher-Maluschke, 2010; Santos, 2013; Lionco e Diniz, 2008; Toledo, 2010; Aran, 2011). Dois estudos exploratórios com metodologia qualitativa também foram identificados (Torres e Faria, 2008; Nascimento e Pimentel, 2011). Entre os demais estudos deste eixo teórico estão uma resenha crítica (Silva, 2007) e pesquisas quantitativas, sendo quatro do tipo exploratória (Verduzco e Diaz-Loving, 2010; Rodriguez e Squiabro, 2014; Rottenbacher, Espinosa e Magallanes, 2011; Rubia, 2013) e outra do tipo transversal (Andrade e Maia, 2013).

As considerações que os trabalhos do presente eixo oferecem ao meio acadêmico referem-se às constatações de que o desenvolvimento psicológico do homossexual não depende necessariamente das variáveis advindas do senso-comum, necessitando da busca pela maior compreensão dos conceitos, aplicações e diversidades presentes no processo de educação sexual por parte dos educadores, como aponta a resenha dos capítulos do livro “Sexualidade começa na infância” (Casa do Psicólogo, 250 p.) por meio da qual a autora constata “a importância das supervisões e relatos de casos como meios de discussão e crescimento dos grupos de trabalho” (Silva, 2007, p.278).

Um outro artigo que retrata a dificuldade real que o jovem travesti tem ao usar o banheiro da escola sem sofrer preconceito sexual enfatiza a necessidade de se perguntar atualmente “se seremos capazes de desconstruir o lugar do biológico como fundante da constituição de homens e mulheres” (Cruz, 2011), atribuindo questionamentos e inquietações sobre o que se encontra definido por condições heteronormativas. No que se refere ao material didático e pedagógico que deveria instrumentalizar os professores à educação sexual concernente a uma possível desconstrução da homofobia, constata-se que,

Enquanto os dicionários veiculam afirmações expressamente homofóbicas, os livros didáticos silenciam sobre a diversidade sexual e naturalizam a heterossexualidade e o binarismo de gênero. Ainda que nos livros não hajam afirmações homofóbicas, a afirmação da diversidade sexual como valor social permanece ausente nos materiais didático-pedagógicos. Há dois desafios no reconhecimento de que a homofobia deve ser combatida pela educação formal: o primeiro é romper o silêncio dos livros sobre a diversidade sexual; o segundo é encontrar mecanismos discursivos para apresentá-la em uma matriz de promoção da igualdade e da diversidade. (Lionço e Diniz, 2008, p. 307)

A especulação da formação de gênero do homossexual recai também no contexto da psicoterapia, quando esta se propõe a compreender a identidade de gênero

do homossexual masculino, em que se constata que a homossexualidade masculina é uma masculinidade diferente, não uma feminilidade simulada. Assim, o artigo que discute este assunto defende que a

Identidade de gênero do homem gay se distingue por sua experiência de passividade em relação a outro homem. Um passo decisivo no tratamento de qualquer homem gay centra-se no reconhecimento de sua experiência inicial de gênero e de como essa experiência se entretetece na trama da sua sexualidade. (Corbett, 2009, p. 161)

O artigo mostra, portanto, como se dá a compreensão da homossexualidade masculina, desvinculando-a de posicionamentos que consideram o homem homossexual como alguém antagônico ao seu gênero natural. Estudos recentes esforçam-se para desmitificar esta concepção de que homossexual não seria homem. (Silva, 2009; Trevisan, 2000)

Esses trabalhos de maneira geral procuram mitigar o preconceito contra o homossexual que ocorre em diversos âmbitos da sociedade, mostrando que ainda existe necessidade de pesquisas no Brasil e em outros países em desenvolvimento, onde se possa refletir sobre a necessidade de desconstruir conceitos a fim de propiciar o reconhecimento e o respeito pelos diferentes modos de ser e estar no mundo, tais como a aceitação do homoerotismo no meio familiar e a naturalidade com que homossexuais convivem com a sua orientação sexual.

Figura 10: Eixo temático 4 – Família e Conjugalidade

Eixo Temático 4	Categorias	Ref.	Título
	Homossexualidade e Gênero	1	Experiências de vida e os processos de visibilidade social de mulheres que amam mulheres.
		58	A visibilidade do suposto passivo: uma atitude revolucionária do homossexual masculino.
	Família e	4	Homofobia familiar: abrindo o armário “entre quatro paredes”.
		22	Famílias homoparentais: tão diferentes assim?
		28	A configuração do significado de família para homossexuais: um estudo fenomenológico.
		38	Famílias homoafetivas.
		48	Um estudo sobre o exercício da

Família e Conjugalidade	Homossexualidade		parentalidade em contexto homoparental.
		52	De Kant a Mouffe: desenvolvendo argumentos positivos acerca do reconhecimento de “famílias homoafetivas” pelo judiciário brasileiro.
		62	O homoerotismo masculino e seu grupo familiar.
		64	Que família? Provocações a partir da homoparentalidade.
	Casal Homoafetivo	23	Discursos sobre a aprovação da união estável de homossexuais em um grupo de discussão virtual.
		32	Coesão e adaptabilidade conjugal em homens e mulheres hetero e homossexuais.
		37	Coesão, adaptabilidade e rede social no relacionamento conjugal homossexual.
	Vivência Paterna e Materna na Homossexualidade	10	Casar, filiar, procriar: reivindicações na homossexualidade masculina.
		31	A paternidade em homens homossexuais: desejos e dificuldades.
		55	Grupo de pais de jovens homossexuais

O eixo teórico “Família e Conjugalidade” engloba as categorias que compõem os trabalhos que investigam as questões de gênero entre homossexuais masculinos e femininos no âmbito da identidade sexual e social, bem como aqueles trabalhos que averigam como ocorre a inserção dos homossexuais nas instituições família e casamento. Para além destas questões de pesquisa, o presente eixo também discute as possíveis vivências de paternidade e maternidade que envolve os/as homossexuais. As principais palavras chave que dão o entendimento a este eixo teórico são: gênero, lésbica, homossexual passivo, estigma, deslizamento, singularidade, relações conjugais, heterossexualidade, redes sociais, adaptabilidade, homopaternidade, desejo, família, homofobia familiar, heterocentrismo, família homoafetiva, redes sociais de apoio, papéis parentais, direito de família, homoafetividade, homoerótico, subjetividade, sofrimento psíquico. Os autores que embasam o eixo são os que analisam as questões sociais, históricas e pedagógicas tais como Judith Butler, Guacira Lopes Louro, Jean Baudrillard, Zigmund Bauman, Michel Foucault, Gilles Lipovetsky, Sturat Hall, Levi-Strauss, Phillip Ariés. As questões da corrente psicanalítica relacionadas à vivências grupais são fundamentadas a partir das teorias de Sigmund Freud, Melanie Klein, Jacques Lacan, Donald Winnicott, Kurt Lewin e Walter Trunca. Contudo, torna-se

imperativo registrar que as concepções filosóficas de Immanuel Kant foram utilizadas para a reflexão das questões éticas e morais que recaem sobre a figura do homossexual e as questões que se apresentarão

Os caminhos metodológicos encontrados são representados por duas pesquisas bibliográficas com metodologia qualitativa, cinco pesquisas exploratórias com metodologia qualitativa, uma delas incluindo também o método quantitativo, e uma pesquisa que se vale da análise de discurso e conteúdo a partir de narrativas e entrevistas semiestruturadas. Dentre os objetivos dos trabalhos sobre as questões de gênero que contemplam a categoria “Homossexualidade e Gênero”, encontra-se a necessidade de se conhecer como ocorrem os preconceitos entre os homossexuais quando identificados apenas pelos gêneros masculino ou feminino.

Estes trabalhos verificam, portanto, a necessidade de se distanciar o olhar reducionista que tem a sociedade de um modo geral, ainda que considere que a sexualidade é controlada pela heterossexualidade. A família, por sua vez, serve também de apoio à sociedade preconceituosa, o que explica o porquê de a sociedade tender a não reconhecer a subjetividade do/da homossexual, de acordo com Weeks (2000):

Estamos sugerindo que a sexualidade é modelada na junção de duas preocupações principais: com a nossa subjetividade (quem e o que somos); com a sociedade (com a saúde, a prosperidade, o crescimento e o bem-estar da população como um todo). As duas estão intimamente conectadas porque no centro de ambas está o corpo e suas potencialidades. (Weeks, 2000, p. 36-37)

Considerando esta citação, constata-se que o sentimento homofóbico se presentifica na pós-modernidade, suscitando a razão da discussão que rege o eixo temático. (Palma, Piason e Strey, 2010; Silva, 2007).

A outra categoria, nomeada como “Família e Homossexualidade” apresenta trabalhos que têm como fundamento conhecer a homofobia existente na família (Toledo e Teixeira, 2013), conhecer o significado de família para homossexuais (Rodrigues e Carmo, 2013), e discutir os temores que os discursos imprimem sobre a família homoparental de maneira que a criança criada neste contexto possa tornar-se homossexual (Martinez, 2013). Estes trabalhos problematizam também a questão das famílias homoafetivas (França, 2009), compreendem o reconhecimento de casais homossexuais pelo judiciário brasileiro (Nina e Souza, 2012), compreendem quais são os sentimentos afetivo-sexuais que subjetivam indivíduos homossexuais em relação à família (Dunker e Kyrillos Neto, 2010), e refletem sobre a constituição de identidades cristalizadas no tocante à família hegemônica (Vilhena, 2011).

A categoria “Casal Homoafetivo” apresenta trabalhos que discutem possibilidades a partir de reivindicações promovidas pelos homossexuais em

estabelecerem relações conjugais. Assim sendo, procura-se compreender de que modo os repertórios interpretativos sobre a união estável entre homossexuais são utilizados em uma rede social (Comin e Souza, 2013) e investiga-se os níveis de coesão e adaptabilidade conjugal entre homens e mulheres heterossexuais e homossexuais em estudo comparativo (Mosmann, Lomando e Wagner, 2010), assim como se investiga o apoio social da família, dos amigos e das relações de trabalho/escola de gays e lésbicas que optam pelas uniões conjugais (Lomando, Wagner e Gonçalves, 2011).

As considerações finais vão na direção de que ainda se associa o sentido de família sob a égide religiosa, heteronormativa e pautada na procriação (Comin e Souza, 2013). Em relação ao nível de coesão e adaptabilidade entre configurações diferentes (heterossexual ou homossexual) a pesquisa indica que os casais de mesmo sexo exercem maior flexibilidade dos papéis de gênero e afeto como fundação da relação conjugal, quando comparados a uniões heterossexuais. O trabalho que relaciona coesão e apoio social aponta que este último ado pode favorecer a qualidade de casais homossexuais.

Com relação à última categoria - Vivência Paterna e Vivência Materna na Homossexualidade - também presente no eixo teórico “Família e Conjugalidade”, foi encontrada a necessidade de se apreender o que motiva as reivindicações feitas por homossexuais para os atos de casar, adotar e procriar (Ferrari e Andrade, 2011). Posteriormente em outro trabalho, o objetivo foi analisar os desejos e as dificuldades da paternidade em homens homossexuais (Gregório, Vidal e Espinosa, 2012). Por fim, foi encontrado um trabalho estruturado a partir de um grupo de apoio direcionado a pais de jovens homossexuais, cujo objetivo era conhecer a finalidade e aplicabilidade do referido grupo. As considerações finais dos trabalhos desta categoria vão em direção à necessidade de maiores reflexões sobre as possíveis vivências paternas e maternas, no sentido de considerar novos significados que cerceiam tais vivências.

Figura 11: Eixo temático 5 – Políticas e Direitos

Eixo Temático 5	Categorias	Ref.	Título
Políticas e Direitos	Homossexualidade e Movimentos Políticos	19	Reivindicações dos homossexuais masculinos nas vicissitudes da época do Outro que não existe. (Resumo de dissertação)
		29	Participação política e experiência homossexual: dilemas entre o indivíduo e o coletivo.
		42	Análise psicossocial das visões de ativistas LGBTs sobre família e conjugalidade
		43	Luta, resistência e cidadania: uma análise psicopolítica dos movimentos e paradas do orgulho LGBT. (Resenha)
	Travestilidade e Transexualidade	3	Transexualidade/travestilidade na literatura brasileira: sentidos e significados.
		11	A demanda transexual na cena hospitalar: o lugar do psicanalista.
		12	Transamérica: na encruzilhada da sexualização.
		13	Ponderações sobre a feminilidade na condição travesti.
		17	Travestismo, transexualismo, transgêneros: identificação e imitação.
		47	Alguns pontos importantes do travestismo para a psicanálise.
	Homossexualidade e Envelhecimento	50	Entretecendo diálogo entre homossexualidade e velhice: notas analítico-interpretativas acerca do envelhecimento gay
		54	Antropologia do envelhecimento gay – experiências e vivências cotidianas de um grupo de quatro amigos homossexuais em processo de envelhecimento.

O eixo teórico “Política e Direitos” abriga as categorias que contêm os trabalhos que pesquisaram o envolvimento do homossexual nas questões de cidadania alinhadas com o panorama político atual. Para tanto, foram identificadas as principais palavras chave que delineiam a constituição deste eixo, tais como: Homossexualidade, direito, psicanálise, hipermodernidade, participação política, movimento social LGBT, identidade coletiva, democracia, valores sociais, movimento homossexual, orientação sexual, preconceito, direitos civis, cidadania, visibilidade, consciência política, sentido, significado, redesignação sexual, demanda transexual, corpo, identidade, subjetividade, transgênero, imitação, identificação, histeria masculina, posição sexuada, envelhecimento gay, modo de vida gay. Por conseguinte, os autores que fundamentam o eixo são aqueles que se preocupam em questionar as questões sociais e psicológicas, tanto no que se refere ao desenvolvimento humano ou social. São eles: Jacques Lacan, Sigmund Freud, Serge Moscovici, Michel Foucault, Judith Butler, Lev Vigotsky, Robert Stoller, Donald Winnicott, Émile Durkheim e Pierre Bordieu. Os percursos metodológicos que delineiam os trabalhos do eixo são representados por oito pesquisas bibliográficas com metodologia qualitativa e quatro pesquisas exploratórias com metodologia qualitativa, sendo uma que inclui também o método quantitativo.

Em seguida, o eixo teórico “Políticas e Direitos” investiga questões que permeiam o movimento político propagado pelos homossexuais, o GLBT. Neste sentido, na categoria “Homossexualidade e Movimentos Políticos” encontram-se trabalhos que procuram compreender como se articulam os diversos discursos que formam o movimento LGBT com as dimensões da psicologia, seja a partir do olhar psicanalítico (Andrade, 2009), seja em questões políticas e sociais sobre a conjugalidade enquanto possibilidade ou impossibilidade de realização pessoal (Gouveia e Camino, 2009), seja ainda a averiguação da participação política de GLBT’s em Belo Horizonte/Br (Costa, Machado e Prado, 2008). Encontra-se, também, a análise do livro “Luta Resistência, e Cidadania: uma análise psico-política dos Movimentos e Paradas do Orgulho LGBT”, do autor Alessandro Soares da Silva, em formato de resenha, por meio da qual se busca elucidar toda a história do movimento sobre o qual se discute.

As considerações dos trabalhos vão porém a diferentes direções, dentre as quais constata-se um alerta dito por meio da linguagem psicanalítica lacaniana, de que os homossexuais estariam diante do imperativo de que todos têm o direito e o dever de serem felizes e de gozarem dos recursos que a ciência oferece. Este ponto de vista reverbera em um panorama de discursos capitalistas e científicos nos quais os homossexuais estariam se pautando quando agrupados para reivindicar direitos em detrimento dos desejos individuais latentes (Andrade, 2009). Outra constatação se deu na percepção de que não são uma prioridade para os/as ativistas do movimento LGBT a legitimação da união civil e da adoção. Constatou-se, além disso, que o que se coloca

como mais importante nestas questões é a isonomia de direitos entre heterossexuais e homossexuais (Gouveia e Camino, 2009).

Por fim, a resenha do livro “Luta, Resistência, e Cidadania: uma análise psicopolítica dos Movimentos e Paradas do Orgulho LGBT”, de Alessandro Soares da Silva, oferece importantes contribuições que parecem demonstrar similitude no processo de construção da consciência política, como por exemplo a ideia de construir uma identidade e busca de igualdade pela diferença. Além disso, afirma que o “estudo tem importante papel no desenvolvimento de trabalho no campo dos movimentos sociais e, em particular, para o desenvolvimento de uma psicologia dos movimentos sociais” (Almeida, 2009).

A categoria “Travestilidade e Transexualidade” se insere no eixo “Direitos e políticas” por considerar-se que os movimentos *trans* se deparam atualmente com várias barreiras no campo social, dentre elas a relação que se faz entre patologia, travestilidade e transexualidade. Os trabalhos que agrupam a categoria tem como objetivo refletir sobre as formas de a cultura e a história exercerem influência na conceituação de travestilidade e transexualidade (Silva e Oliveira, 2013). Além disso, é tema de pesquisa as dificuldades do lugar do psicanalista no campo das decisões médicas (Elias, 2010). Ainda na perspectiva psicanalítica, analisou-se outro estudo em que se demonstra a necessidade de recuperação da psicanálise no seu próprio espaço autônomo, teórico e clínico, para que possa, segundo o autor, distanciar-se da confusão e da chantagem das ideologias por parte da mídia, da medicina corretiva e dos movimentos de direitos humanos que não se fundamentam no estudo teórico metodológico da subjetividade dos sujeitos (Argentieri, 2009).

Em outro trabalho sob o olhar da psicanálise, procurou-se elucidar os questionamentos que esta corrente teórica faz, a fim de se discutir alguns pontos importantes dos travestis para a psicanálise (Figueiredo, 2011). Em outro artigo observa-se o esforço de se compreender a figura do transexual, tendo como parâmetro o filme “Transamérica”, cujo enredo ilustra o conflito que envolve a decisão de um transexual entre realizar a cirurgia para mudar de sexo ou cuidar de um filho recém descoberto (Monteiro, 2009). Foi elaborado em outro artigo um mapeamento acerca das experiências e representações de violência junto a travestis da cidade de Feira de Santana-BA relacionando-as à maneira como os travestis deveriam se comportar para serem aceitas pelas suas iguais (Hoenich e Pacheco, 2012).

As considerações finais dos trabalhos desta categoria apontam que, se por um lado ainda existe um posicionamento acrítico por parte dos representantes do movimento LGBT ao reivindicarem seus direitos, levando-os à reprodução dos ideais capitalistas (Andrade, 2009), por outro lado constata-se que os mesmos direitos reivindicados estariam sendo cotidianamente usurpados dos LGBT’s, seja no que diz respeito a condições legais, como o direito à parceria civil, seja no que se refere ao reconhecimento social de orientações sexuais que se diferenciam do padrão hegemônico heterossexista (Costa, Machado e Prado, 2008). Constata-se, a partir destes dois

trabalhos, que os representantes LGBT's necessitam de maior fortalecimento de ideais, sobretudo com relação às suas reivindicações.

Verifica-se também que a legitimação da união civil e da adoção por casais homossexuais não são uma prioridade para estes ativistas do movimento, ou não parecem tão indispensáveis por si mesmas. O que se coloca como mais importante nestas questões é a isonomia de direitos entre heterossexuais e homossexuais (Gouveia e Camino, 2009).

Em relação à busca por feminilidade entre travestis do ponto de vista do processo de identificação e sentimento de pertencimento, em termos de gênero, foram encontrados resultados que indicam divergências quanto ao modelo de “superfeminilidade” proposto tradicionalmente pelo grupo pesquisado, do mesmo modo que se divergiram em relação ao contexto de marginalidade (Hoenisch e Pacheco, 2012)

Por sua vez, a categoria “Homossexualidade e Envelhecimento” contem dois trabalhos que investigam a coexistência de homossexualidade e velhice enquanto interface social e psicológica (Wladirson e Chaves, 2012) e a auto percepção e auto representação bio-psico-antropológica de um grupo de quatro amigos homossexuais em processo de envelhecimento (Cardoso e Chaves, 2014). As contribuições dos trabalhos sobre o envelhecimento gay vão em duas direções. Uma delas aponta a falta de estudos etnográficos sobre o envelhecer, de maneira que publicações em massa destes estudos poderiam respaldar melhor a questão da homossexualidade e velhice (Wladirson e Chaves, 2012). Na outra direção constata-se a falta de referência de um modelo ou elaboração de um certo tipo ideal de comportamento (Cardoso e Chaves, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca por conhecer pesquisas em homossexualidade proporcionou um desafio que consistia primeiramente em selecionar 64 publicações. Desafio este que culminou com a análise posterior dos diversos olhares que os pesquisadores em psicologia lançaram no campo da homossexualidade nos últimos sete anos. Em determinadas publicações houve uma preocupação em distanciar a dimensão patológica do sujeito homossexual por parte dos pesquisadores. Neste sentido, por meio da análise das publicações do primeiro eixo teórico em específico, ficou portanto constatado que há um pensamento entre os pesquisadores de que os ranços da medicina do início do século XX parecem reproduzir um olhar que recai sobre o homossexual como alguém desviante na atualidade. Admite-se, contudo, a necessidade de outras pesquisas neste campo, a fim de mitigar esta problemática.

Constatou-se também o esforço que alguns pesquisadores em psicologia social tiveram, tentando contribuir com um olhar mais crítico a respeito dos direitos dos quais os homossexuais deveriam ser detentores. Eles no entanto se sujeitam a acompanhar os líderes dos movimentos sem maiores questionamentos sobre o que estariam reivindicando. Neste sentido, é compromisso da psicologia promover um olhar crítico dentre as pessoas de determinado grupo, tal como o dos homossexuais. Isto vale por exemplo para questões como o casamento gay e a adoção de filhos, onde parece haver uma imposição da cultura de massas. Por esta via, também verificou-se a contribuição dos pesquisadores em trazer para a comunidade científica e para a sociedade de um modo geral a visibilidade do homossexual em suas identidades e peculiaridades.

Alguns trabalhos verificaram as construções que ocorrem no ambiente escolar, no que diz respeito à educação sexual, culminando desta maneira em dificuldades que por ventura os jovens homossexuais poderiam vivenciar devido a concepções heteronormativas e homofóbicas.

Em suma, constatou-se que a maioria das pesquisas insere a dimensão subjetiva do homossexual nos estudos, considerando-o como sujeito. Este dado sugere que houve uma significativa evolução em comparação aos estudos em sexologia sobre a homossexualidade. Conforme apontou a fundamentação teórica desta pesquisa, existia uma excessiva tendência a não considerar o homossexual na sua condição de sujeito.

Em relação à quantidade de publicações encontradas no portal PePsic, constatou-se a necessidade de se realizar mais pesquisas com o tema homossexualidade em outros países da América Latina. Uma vez que o portal explorado se apresenta como organizador de periódicos advindos dos países latinos, observou-se um maior número de publicações encontradas no Brasil (84%), México (6%) e Porto Rico (5%), conforme

demonstra o gráfico 1. Em território brasileiro, constatou-se ainda uma discrepância entre as quantidades de publicações entre as regiões do Brasil, de modo que haveria necessidade de se pesquisar a respeito.

Portanto, os apontamentos desenvolvidos e postos em relação mais ou menos detalhada aqui não concluem o trabalho das pesquisas em psicologia científica sobre a homossexualidade, uma vez que as publicações do portal investigado apresentam apenas um pequeno recorte do tema. Neste sentido, verifica-se uma necessidade de se explorar mais sobre o tema a partir do olhar da psicologia.

REFERÊNCIAS

- Almeida, M. A. B. (2009). Luta, resistência e cidadania: Uma análise psicopolítica dos Movimentos e Paradas do Orgulho LGBT. *Sociedade Brasileira de Psicologia Política*, 9(18), 23-41.
- Andrade e Ferrari, M. R. M., & Ferrari, I. F. (2009). Legitimação do laço da homossexual: Um acolhimento possível na realidade social da hipermodernidade. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 9(4), 1145-1172.
- Andrade, A.A.S. & Maia, L.A.C.R. (2013). Os resultados da bateria neuropsicológica Luria-Nebraska de Portugal em amostra heterossexual e homossexual [Versão eletrônica]. *Cuadernos de Neuropsicología*, 7 (1) 70-86.
- Andrade, M.R.M. (2009). Reivindicações dos homossexuais masculinos nas vicissitudes da época do Outro que não existe [Versão eletrônica]. *Psicologia em Revista*, 15 (1).
- Aran, M. (2011). Políticas do desejo na atualidade: a psicanálise e a homoparentalidade [Versão eletrônica]. *Psicologia Política*, 11 (21), 59-72.
- Arreguy, M.E. (2012). Transtornos de identidade de gênero na infância: escritos selecionados [Versão eletrônica]. *Psicologia em Revista*, 18 (1), 169-171.
- Cardoso, W. & Chaves, E. (2014). Antropologia do envelhecimento gay: experiências e vivências cotidianas de um grupo de quatro amigos homossexuais em processo de envelhecimento [Versão eletrônica]. *Revista do NUFEN*, 6 (1), 43-86.
- Comin, F.S., Souza, L.V. & Santos, M.A. (2013). Discursos sobre a aprovação da união estável de homossexuais em um grupo de discussão virtual [Versão eletrônica]. *Psicologia para America Latina*. 25, 15-131.
- Corbett, K. (2009). O mistério da homossexualidade [Versão eletrônica]. *Jornal de Psicanálise*, 42 (76), 159-176.
- Cossi, R.K. (2014). Desvinculação da experiência transexual do diagnóstico psicanalítico de psicose [Versão eletrônica]. *Revista Psicologia e Saúde*, 6 (1), 9-17.
- Costa, F.A., Machado, F.V. & Prado, M.A.M. (2008). Participação política e experiência entre o indivíduo e o coletivo [Versão eletrônica]. *Revista Interamericana de Psicologia*, 42 (2), 325-337.
- Cruz, E.F. (2011). Banheiros, travestis, relações de gênero e diferenças no cotidiano da escola [Versão eletrônica]. *Psicologia Política*, 11 (21), 73-90.

- Cunha, E.L. (2013). Sexualidade e perversão entre o homossexual e o transgênero: notas sobre a psicanálise e a teoria *Queer* [Versão eletrônica]. *Revista EPOS: Genealogia, Subjetivizações e Violências*, 4 (2), 00-00.
- Dunker, C.I.L. & Kyrillos Neto, F. (2010). Curar a homossexualidade?: a psicopatologia prática do DSM no Brasil [Versão eletrônica]. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 10 (2), 425-446.
- Ferrari, I.F. & Andrade, M.R de M. (2011). Casar, filiar, procriar: reivindicações na homossexualidade masculina [Versão eletrônica]. *Tempo Psicanalítico*, 43 (1), 25-43.
- Figueiredo, D.D. (2011). Alguns pontos importantes do travestismo para a psicanálise [Versão eletrônica]. *Trivium – Estudos Interdisciplinares em Psicanálise e Cultura*, 4 (2), 106-106.
- Figueiró, M. N. D. (1999). *Educação Sexual no dia a dia*. (1ª. ed.). Londrina, PR: Moriá.
- Foucault, M. (1997). *História da sexualidade I: A vontade de saber* (12ª ed.). (M. T. da C. Albuquerque, Trad.). Rio de Janeiro: Graal.
- França, M.R.C. (2009). Famílias homoafetivas [Versão eletrônica]. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 17 (9), 21-33.
- Garton, S. (2009). *História da sexualidade: da Antiguidade à revolução sexual*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Gouveia, R. & Camino, L. (2009). Análise psicossocial das visões de ativistas LGBTs sobre família e conjugalidade [Versão eletrônica]. *Psicologia Política*, 9 (17), 47-65.
- Gregersen, E. (1983). *Práticas sexuais*. São Paulo: Editora Roca.
- Guardarrama, J.G., & Alfonso, J.T. (2012). O significado da experiência de aceitação da orientação homossexual na memória de um grupo de homens adultos porto-riquenhos [Versão eletrônica]. *Eureka (Asunción) en Línea*, 9 (2), 158-170.
- Guimarães, A.F.P. (2009). O desafio histórico de “tornar-se um homem homossexual”: um exercício de construções de identidades [Versão eletrônica]. *Temas em Psicologia*, 17 (2), 553-567.
- Gurgel, J.J.R. & Bucher-Maluschke, J.S.N.F. (2010). O homoerotismo masculino e o seu grupo familiar [Versão eletrônica]. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 10 (2), 633-651.
- Hillman, J. & Ventura, M. (1995). *Cem anos de psicoterapia e o mundo está cada vez pior*. (53ª ed.). São Paulo: Summus.
- Hoénich, J.C.D. & Pacheco, P.J. (2012). Ponderações sobre a feminilidade na condição travesti [Versão eletrônica]. *Estudos de Psicanálise*, (38), 79-88.

- Jimenez, M., Borrero, N., & Nazario, J.A. (2011). Gays e lésbicas adolescentes em Porto Rico: processos, efeitos e estratégias [Versão eletrônica]. *Revista Puertorriquenha de Psicologia*, 22, 147-173.
- Leão, A. M.C. (2009). *Estudo analítico-descritivo do curso de Pedagogia da Unesp-Araraquara nas temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos*. Tese de Doutorado, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP, Brasil.
- Lefebvre, G. (2008). *1789: O Surgimento da Revolução Francesa*. (7ª. ed.). São Paulo: Paz e Terra.
- Lionço, T. & Diniz, D. (2008). Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual [Versão eletrônica]. *Psicologia Política*, 8 (16), 307-324.
- Lipovetsky, Gilles & Charles, Sébastien. (2004). *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla.
- Lomando, E., Wagner, A. & Gonçalves, J. (2011). Coesão, adaptabilidade e rede social no relacionamento conjugal homossexual [Versão eletrônica]. *Psicologia – Teoria e Prática*, 13 (3), 96-109.
- Maia, A.C. & Ribeiro, P.R.M. (2010). Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 16 (2), 159-176.
- Marques, D.M.M. & Nardi, H.C. (2011). Anormais, bárbaros e bárbaras: trajetórias de vida de homossexuais e clínica psicológica [Versão eletrônica]. *Alethéia*, 12 (35-36), 109-122.
- Martinez, A.L.M. (2013). Famílias homoparentais: tão diferentes assim? [Versão eletrônica]. *Psicologia em Revista*, 19 (3), 371-388.
- Martins, E. de S.T., Leite, R.T., Porto, T.S. & Netto, O.F.L. (2014). Psicanálise e homossexualidade: da apropriação à desapropriação médico-moral [Versão eletrônica]. *IDE: Psicanálise e Cultura*, 36 (57), 163-177
- Maya, A. (2007). O que os analistas pensam sobre a homossexualidade? [Versão eletrônica]. *Psyquê -Revista de Psicanálise*, 11 (21), 85-104.
- Mello, R.P. & Sampaio, J.P. (2012). Corpos intersex borrando fronteiras do discurso médico [Versão eletrônica]. *Revista do NUFEN*, 4 (1), 4-19.
- Monteiro, M.P. (2009). Transamérica: na encruzilhada da sexuação [Versão eletrônica]. *Estudos de Psicanálise*, (32), 111-116.
- Mosmann, C.P., Lomando, E. & Wagner, A. (2010). Coesão e adaptabilidade conjugal em homens e mulheres hetero e homossexuais [Versão eletrônica]. *Barbarói*, 33, 135-152.

- Mott, L. (2002). Por que os homossexuais são os mais odiados dentre todas as minorias? In M. Corrêa. *Gênero e Cidadania* (pp.43-12-27). Campinas: Revista Cadernos Pagu.
- Nascimento, L.C.S. & Pimentel, A. (2011). Delegacia e defensoria pública no combate à homofobia em Belém do Pará [Versão eletrônica]. *Barbarói*, 35, 43-57.
- Nina, A.M.S. & Souza, C.A.S. (2012). De Kant a Mouffe: desenvolvendo argumentos positivos acerca do reconhecimento de “famílias homoafetivas” pelo judiciário brasileiro [Versão eletrônica]. *Revista do NUFEN*, 4 (1), 59-72.
- Palma, Y.A., Piason, S.P., Bezerra, A.C.M. & Strey, M.N. (2010). Experiências de vida e o processo de *visibilidade* de mulheres que amam mulheres [Versão eletrônica]. *Alethéia*, 33, 18-29.
- Pecheny, M. (2013). Desigualdades estruturais, saúde de jovens LGBT e lacunas de conhecimento: o que sabemos e o que perguntamos? [Versão eletrônica]. *Temas em Psicologia*, 21 (3), 961-972.
- Reis, R.P. (2012). Eu tenho medo de ficar afeminado: performances e convenções corporais de gênero em espaços de sociabilidade homossexual [Versão eletrônica]. *Revista do NUFEN*, 4 (1), 73-87.
- Ribeiro, P.R.M. (Org.). (2004). *Sexualidade e Educação: Aproximações necessárias*. São Paulo: Arte & Ciência.
- Rios, L.F. (2013). Homossexualidade, juventude e vulnerabilidade ao HIV/AIDS no candomblé fluminense [Versão eletrônica]. *Revista Sociedade Brasileira de Psicologia*, 21 (3), 1051-1066.
- Rodrigues, M.A. & Carmo, M. (2013). A configuração do significado de família para homossexuais: um estudo fenomenológico [Versão eletrônica]. *Revista Abordagem Gestáltica*, 19 (1), 12-20.
- Rodrigues, M.C.F. & Squiabro, J.C. (2014). Preconceito e distância social em relação aos homossexuais por estudantes universitários [Versão eletrônica]. *Revista Puertorriquenha de Psicologia*, 25, 52-60.
- Rottenbacher, J.M., Espinosa, A. & Magallanes, M. (2011). Analisando o preconceito: bases ideológicas do racismo, do sexismo e da homofobia em uma amostra de habitantes da cidade de Lima-Peru [Versão eletrônica]. *Psicologia Política*, 11 (22), 225-246.
- Rubia, J.M. (2013). As propriedades psicométricas da escala de avaliação de exteriorização da homofobia em estudantes de ciências da saúde [Versão eletrônica]. *Salud e Sociedad: Investigaciones*, 4 (3), 230-247.
- Saffioti, H.I.B. (2002). *O poder do macho*. (12ª. ed.). São Paulo: Moderna.

- Salomão, L. (2014). *Comentários de Levy Fidelix sobre gays geram indignação nas redes*. Recuperado em 13.07.2015 de <http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/noticia>.
- Santiago, J. (2007). Atualidade clínica da homossexualidade masculina: solução ou escolha de objeto? [Versão eletrônica]. *Psicologia em Revista*, 13 (2), 253-266.
- Santos, A.F. & Fernandes, S.C. (2009) Enfrentamento, *locus* de controle e preconceito: um estudo com pessoas de orientação sexual [Versão eletrônica]. *Psicologia em Revista*, 15 (3), 101-119.
- Santos, D.K. (2013). As produções discursivas sobre a homossexualidade e a construção da homofobia: problematizações necessárias à psicologia [Versão eletrônica]. *Revista EPOS: Genealogia, Subjetivações e Violências*, 4 (1), 00-00
- Scorsolini-Comin, F. S. & Santo, M.A. (2012). Insensatos afetos: homossexualidade e homofobia na telenovela brasileira [Versão eletrônica]. *Barbaroi*, 36, 50-66.
- Scorsolini-Comin, F.S., Souza, L.V. & Santos, M.A. (2013). Discursos sobre a aprovação da união estável de homossexuais em um grupo de discussão virtual. [Versão eletrônica]. *Psicologia para América Latina*, (25), 15-131.
- Silva Filho, M.R. & Rodrigues, C.I. (2012). Digressões homossexuais: notas antropológicas sobre *coming out*, *Ethos* LGBT e Bajubá em Belém-Pa [Versão eletrônica]. *Revista do NUFEN*, 4 (1), 44-58.
- Silva, A. S. (2009). *Luta, Resistência e Cidadania: uma análise psicopolítica dos Movimentos e Paradas do Orgulho LGBT*. (22ª. ed.). Curitiba: Juruá.
- Silva, M.C.R. (2007). Desafios da orientação sexual na infância [Versão eletrônica]. *Avaliação Psicológica*, 6 (2).
- Silva, V.G. (2007). A visibilidade do suposto passivo: uma atitude revolucionária do homossexual masculino [Versão eletrônica]. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 7 (1), 71-88.
- Silvério, J. (2000). *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. (Ed. revisada e ampliada). Rio de Janeiro: Record.
- Stearns, P. N. (2010) *História da sexualidade*. São Paulo: Contexto.
- Teixeira-Filho, F.S. & Marreto, C.A.R (2008). Apontamentos sobre o atentar contra a própria vida, homofobia e adolescências [Versão eletrônica]. *Revista de Psicologia da Unesp*, 7 (1).
- Teixeira-Filho, F.S. & Rondini, C.A. Ideações e tentativas de suicídio em adolescentes com práticas sexuais hetero e homoeróticas. (2012) [Versão eletrônica]. *Saúde e Sociedade*, 21 (3), 651-667.

- Toledo, L.G. & Filho, F.S.T. (2010). Lesbianidades e as referências legitimadoras da sexualidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 10 (3), 729-749.
- Toledo, L.J. & Teixeira Filho, F.S. (2013). Homofobia familiar: abrindo o armário “entre quatro paredes” [Versão eletrônica]. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65 (3), 376-391.
- Torres, A.R.R. & Faria, M.R.G.V. (2008). Crença em um mundo justo e preconceitos: o caso dos homossexuais com HIV/AIDS [Versão eletrônica]. *Revista Interamericana de Psicologia*, 42 (3), 570-579.
- Trevisan, S.T. (2000). *Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Ed. revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Record.
- Verduzco, I.L. & Diaz-Loving, R. (2010). Medição de identidade sexual no México [Versão eletrônica]. *Revista Puertorriqueña de Psicologia*, 21, 133-154.
- Verduzco, I.L. & Sánchez, T.E.R. (2011). Homofobia e sua relação com a masculinidade hegemônica no México [Versão eletrônica]. *Revista Puertorriqueña de Psicologia*, 22, 101-121.
- Vieira, L.L.F. (2009). As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana [Versão eletrônica]. *Revista Mal Estar na Subjetividade*, 9 (2), 487-525.
- Vilelas, J. (2009). *Investigação: O processo de construção do conhecimento*. (1ª. ed.). Lisboa: Sílabo.
- Vilhena, J. (2011). Que família? provocações a partir da homoparentalidade [Versão eletrônica]. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 11 (4), 1639-1658.
- Weeks, J. (2000). O corpo e a sexualidade. In Louro, G.L. *O corpo educado*. (pp. 52. 18-45). Belo Horizonte: Autêntica.
- Wladirson, C. & Chaves, E. (2012). Entretecendo diálogo entre homossexualidade e velhice: notas analítico-interpretativas acerca do envelhecimento gay [Versão eletrônica]. *Revista do NUFEN*, 4 (1), 34-43.